



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

ROBERTA ALMEIDA MÉRCIO

**VIOLÊNCIA NA ESCOLA: UMA ANÁLISE SOBRE O OLHAR DA MÍDIA
TELEVISIVA SOBRE OS CASOS REGISTRADOS NA E.M.E.F. MARIA DE
LOURDES MACHADO MOLINA**

**Bagé
2017**

ROBERTA ALMEIDA MÉRCIO

**VIOLÊNCIA NA ESCOLA: UMA ANÁLISE SOBRE O OLHAR DA MÍDIA SOBRE
OS CASOS REGISTRADOS NA E.M.E.F. MARIA DE LOURDES MACHADO
MOLINA**

Monografia de conclusão do Curso de Pós-
Graduação Especialização em Educação e
Diversidade Cultural da Universidade
Federal do Pampa.

Orientadora: Prof^a Dr^a Claudete da Silva
Lima Martins

**Bagé
2017**

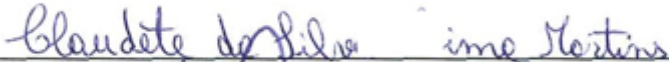
ROBERTA ALMEIDA MERCIO

**VIOLÊNCIA NA ESCOLA: UMA ANÁLISE SOBRE O OLHAR DA MÍDIA
TELEVISIVA SOBRE OS CASOS REGISTRADOS NA E.M.E.F. MARIA DE
LOURDES MACHADO MOLINA**

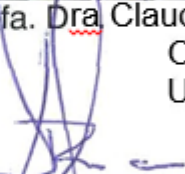
Monografia de Conclusão do Curso de Pós-graduação Especialização em Educação e Diversidade Cultural da Universidade Federal do Pampa como requisito para obtenção do título de Especialista em Educação e Diversidade Cultural.
Área de concentração: Educação.

Monografia defendida e aprovada em: 03/07/2017


Orientadora e Banca Examinadora:



Prof. Dra. Claudete da Silva Lima Martins |
Orientadora
UNIPAMPA



Prof. Dr. Alessandro Carvalho Bica
Avaliadora Docente
UNIPAMPA



Prof. Mestre Glauber Pereira
Avaliador Docente
URCAMP

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

M555v| Mércio, Roberta Almeida

VIOLÊNCIA NA ESCOLA: UMA ANÁLISE SOBRE O OLHAR DA MÍDIA
TELEVISIVA SOBRE OS CASOS REGISTRADOS NA E.M.E.F. MARIA DE
LOURDES MACHADO MOLINA / Roberta Almeida Mércio.

65 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -- Universidade
Federal do Pampa, ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE
CULTURAL, 2017.

"Orientação: Claudete da Silva Lima Martins".

1. Violência na Escola. 2. Televisão e Educação. I. Título.

Dedico esta monografia a todos que, assim como eu, descobriram em algum momento da vida que nunca é tarde para ir em busca da realização de um sonho. Se cheguei até aqui é porque dei um grande passo rumo a concretização do meu! Obrigada, Deus! Obrigada, queridos professores que tanto me ensinaram e me modificaram! Obrigada, família, por perdoar tantas ausências que foram necessárias para que este momento chegasse!

“Era televisão e futebol. Construíram estádios e essa rede impressionante de telecomunicações por todo o Brasil, e ao mesmo tempo uma degradação crescente em termos de educação e saúde. Tudo isso foi descuidado”

Chico Buarque de Hollanda (1993).

AGRADECIMENTOS

A minha família, por todo o incentivo, confiança e suporte para que este passo tão desejado fosse dado.

Ao meu filho, Inácio, que há 7 anos faz com que eu deseje, todos os dias, ser uma pessoa melhor.

A fé em Deus, que me move e me abastece de força nos momentos de dificuldade.

A esta universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram esta conquista que hoje me faz vislumbrar um novo horizonte.

A direção da E.M.E.F. Maria de Lourdes Machado Molina, pela confiança e disponibilidade para contribuir com esta pesquisa.

A RBS TV Bagé, empresa em que atuo, que através do gerente executivo João Moreira Jr. concedeu todo o incentivo e apoio para que eu realizasse o sonho da especialização.

A minha orientadora, Claudete da Silva Lima Martins, por apontar o caminho certo, por ser uma inspiração e por todo o carinho que deixou impresso em cada gesto, correção, crítica ou elogio.

Aos grandes presentes que me foram dados por esta pós-graduação: a “Panela da Especialização” (Anelise Anjos, Débora Mota, Caroline Porto e Jiances Méris), grupo que se formou logo no início do curso e foi até o final realizando junto os trabalhos propostos (valeu, meninas), e a “Turma da Van”, grupo animado para o qual eu tive a sorte de dar carona neste período: Ana Paula Seixas, Lilia Lima, Andressa Costa, Giuliana Bruni e Luana Ferreira.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte desta caminhada tão desejada por mim, o meu muito obrigada!

RESUMO

A violência constitui-se em um fenômeno que assola a sociedade como um todo. Nossas vidas são invadidas diariamente por notícias de crimes em todas as instâncias. A escola não está de fora deste violento cenário. Portanto, este trabalho busca fazer uma análise sobre o tema da violência que considere não a violência em si, mas os elementos a ela ligados, as possíveis consequências no ambiente escolar e trazer uma crítica às coberturas jornalísticas sobre este tema “violência na escola”, que se limitam muitas vezes a expor apenas o fato ocorrido depois de feito um boletim de ocorrência, mas não dão conta de mostrar as questões geradoras desta violência. A intenção é propor uma reflexão sobre a atuação dos meios de comunicação nestas situações e buscar voltar os olhos da sociedade para a questão de forma ampla. Para atingir este objetivo foi realizada uma pesquisa exploratória (Gil, 2008) na escola municipal de Bagé mais atingida pelo fenômeno no ano de 2015. Foram sujeitos da pesquisa a diretora da escola, professores e alunos. Para a coleta de dados foram realizadas entrevistas, questionário e análise de reportagens exibidas sobre o tema. A metodologia de análise utilizada foi a de análise de conteúdo (Bardin, 2006). Os depoimentos de alunos e professores foram fundamentais para este trabalho, pois a partir da análise feita, foi possível encontrar pistas dos principais motivos que geram a violência na escola escolhida para esta pesquisa: bairro violento e dominado pelo tráfico de drogas, famílias desestruturadas e que não participam da vida escolar dos filhos e ineficácia das estratégias adotadas pela escola para reduzir o problema. Também foi possível ter o entendimento de como a comunidade escolar se vê retratada pela mídia: uma escola violenta, inserida em um bairro pobre onde não há exemplos positivos para mostrar.

Palavras-Chave: Violência. Escola. Mídia. Educação.

ABSTRACT

The violence is a phenomenon that plagues society as a whole. Our lives are invaded daily by news of crimes in all instances. The school is not out of this violent scenario. Therefore, this work seeks to make an analysis on the topic of violence that considers not violence itself, but the elements linked to it, the possible consequences in the school environment and bring a critique of journalistic coverage on this theme "violence in school", Which are often limited to exposing only the fact that occurred after an incident report was made, but do not account for showing the issues that generated this violence. The intention is to propose a reflection on the performance of the media in these situations and seek to turn the eyes of society to the issue in a broad way. In order to reach this goal, an exploratory research (Gil, 2008) was carried out at the Bagé municipal school that was most affected by the phenomenon in the year 2015. The school principal, teachers and students were subjects of the research. For data collection, interviews, questionnaires and analysis of reports on the topic were carried out. The analysis methodology used was that of content analysis (Bardin, 2006). The testimonies of students and teachers were fundamental to this work, because from the analysis made, it was possible to find clues to the main reasons that generate violence in the school chosen for this research: a violent neighborhood dominated by drug trafficking, unstructured families and Do not participate in the children's school life and ineffective strategies adopted by the school to reduce the problem. It was also possible to have an understanding of how the school community is portrayed by the media: a violent school, inserted in a poor neighborhood where there are no positive examples to show.

Keywords: Violence. School. Media. Education.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIações

E.M.E.F.:	Escola Municipal de Ensino Fundamental.
IBGE:	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
IBOPE:	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística.
LDB:	Lei de Diretrizes e Bases.
Pnad:	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.
PNE:	Plano Nacional de Educação.
SMED:	Secretaria Municipal de Educação.
RBS TV:	Rede Brasil Sul de Telecomunicações.
ROVE:	Registro Online de Violência na Escola.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Violência Escolar em 2015.....	41
Quadro 2 – Violência Escolar de janeiro a junho de 2016.....	42

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Vidros quebrados.....	62
Figura 2 - Vandalismo em uma sala de aula.....	63
Figura 3 - Mobiliário e material didático destruídos.....	64
Figura 4 - Protesto pela paz.....	65

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	VIOLÊNCIA: DOS PRIMÓRDIOS AOS DIAS ATUAIS.....	17
	2.1 Tipos de Violência.....	18
	2.2 Violência e Sociedade.....	18
	2.3 Violência na Escola.....	21
3	TELEVISÃO E EDUCAÇÃO.....	25
	3.1 História da Televisão no Brasil.....	26
	3.2 Televisão: Aliada ou Vilã?	28
4	VIOLÊNCIA ESCOLAR: UM FENÔMENO ENCOBERTO PELA MÍDIA.....	32
5	A ESCOLA COMO ESPAÇO SOCIAL E DE DIREITO.....	35
6	ENTRANDO EM AÇÃO: PROCESSOS METODOLÓGICOS.....	37
7	RESULTADO, ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	41
	7.1 -Violência nas escolas municipais de Bagé: discutindo a partir de uma análise jornalística.....	41
	7.2 - Violência na escola: buscando pistas para compreender suas causas.....	45
	7.3 - A escola representada pela televisão.....	48
	7.4 - Violência sentida na pele.....	50
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
	REFERÊNCIAS.....	56
	APÊNDICES.....	59
	Apêndice I - Termo de consentimento livre e esclarecido.....	59
	Apêndice II - Questionário.....	60

1 INTRODUÇÃO

“Se repõe vidros, se repõe janelas, se arruma uma sala de aula destruída e em menos de uma semana tem que se fazer tudo isso de novo. Os ataques são constantes em nossas escolas” (ENTREVISTA, Secretária, 2016). A frase dita pela então Secretária de Educação de Bagé, Nádya La Bella, em entrevista ao programa *Jornal do Almoço*, da RBS TV Bagé, no dia 15 de março de 2016, dia da escola, trouxe o desejo de entender o porquê de ver o local que deveria ser a porta de acesso para uma vida melhor ser atacado muitas vezes por seus próprios alunos. Por que os estudantes não se sentem donos da escola? Por que a instituição que é considerada a segunda casa de crianças e jovens não é preservada e ainda desperta, em certos alunos, o sórdido desejo de ver destruição no local de aprendizagem? Por que esta realidade está presente em Bagé somente nas escolas da periferia? Qual o perfil do aluno que se envolve na depredação de sua própria escola? De que forma a população recebe pelos meios de comunicação as notícias de casos de ataques e vandalismo nas escolas da cidade?

Certamente são muitas perguntas para responder. Mas a situação descrita em impressos, nas rádios, nos programas de televisão e nos sites de notícias, dá conta de narrar, em meu entendimento, apenas parte dessa história. O que motiva a violência e a segmenta é uma discussão bem mais complexa, que se inicia muito antes da porta da escola e que nos remete ao cerne da questão: de onde vêm esses alunos ditos “problema”? Em que condições vivem as crianças e jovens que destroem, sem pena, o patrimônio que poderia representar uma perspectiva para uma vida melhor?

Mas o que se vê noticiado, se restringe apenas ao ato em si. É como se o problema não fosse de todos. No silêncio velado das comunidades escolares que enfrentam a violência no seu cotidiano, alguns sussurros vencem o medo e revelam o que ninguém parece querer dizer.

Entender os motivos que geram a violência na E.M.E.F Maria de Lourdes Machado Molina, sendo esta escola a que mais registrou ocorrências de vandalismo e violência em 2015, analisar se esses motivos foram evidenciados nas coberturas jornalísticas dos meios de comunicação de Bagé e perceber como esta comunidade escolar se vê retratada na mídia é o que motivou este projeto. Por isso deu-se a necessidade de investigar a violência escolar e refletir sobre a representação deste fenômeno pela mídia televisiva, a partir da investigação da realidade da escola mais

atingida pela violência no ano de 2015, conforme dados da SMED, Secretaria Municipal de Educação de Bagé, na intenção de achar caminhos que ajudem na solução deste problema. Acredito que as contribuições oferecidas com esse tipo de pesquisa poderão ajudar tanto a escola, com a identificação das principais causas que geram a violência na instituição, como a mídia local, provocando uma nova ótica dos jornalistas para o fenômeno.

Infelizmente observa-se que a violência escolar é um problema cada vez mais presente no cotidiano. Mas por que os problemas que antecedem o fato consumado da violência não são discutidos? Por que não ganham destaque nos meios de comunicação as realidades enfrentadas pelos protagonistas deste fenômeno? Para dar visibilidade a este problema, que é segmentado e por isso parece estar encoberto, é necessário que se amplie as discussões nessa área a fim de que se possa encontrar as causas, envolver a sociedade como um todo no problema e não o deixar apenas sob a responsabilidade das escolas que sofrem com a situação. Provocando discussões sobre este fenômeno e dando voz as pessoas da escola escolhida para esta pesquisa, a intenção é contribuir para que haja um maior interesse de várias esferas da sociedade em construir um caminho para promover a paz na escola municipal de Bagé mais atingida pela violência.

Como professora e jornalista que sou¹, confesso que as coberturas que venho observando sobre o tema “violência escolar” nos meios de comunicação, com olhar mais aprofundado no veículo onde atuo, a televisão, me deixa incomodada pela maneira como retratam o problema: de forma “rasa”, sem aprofundamentos nas questões mais importantes, a meu ver, que são as condições em que vivem os estudantes envolvidos nas ocorrências de violência na escola.

Fora dos muros da escola, encontram-se alunos que vivem em condições de risco social. Mas estes fatos não parecem ser relevantes nas notícias veiculadas sobre as ocorrências de violência na escola. Acredito que provocar este incômodo em outras pessoas que tenham compromisso com a informação pode ajudar a mudar o foco da discussão. Não basta informar o problema ocorrido. Há que se querer transformar uma realidade com a informação. Para isso é necessário ir mais a fundo, buscar causas e encontrar soluções. Para isso, foi necessário mapear os casos de violência escolar divulgados na televisão por meio do programa de notícias locais de Bagé/RS, no

¹ Jornalista na empresa RBS TV Bagé desde julho de 2000. Professora na Universidade da Região da Campanha desde abril de 2017.

período que compreende o ano de 2015 e o primeiro semestre de 2016, identificando as escolas, regiões da cidade e tipos de ocorrência que são noticiadas com maior frequência. Também foi necessário aprofundar o conhecimento sobre o tratamento dispensado pela mídia televisiva ao fenômeno por meio da análise das notícias divulgadas e do diálogo com a comunidade escolar.

Para fazer uma análise sobre o tema que considere não a violência em si, mas os elementos a ela ligados na E.M.E.F. Maria de Lourdes Machado Molina, foi realizada uma pesquisa exploratória, já que proporciona maior familiaridade com o problema e ajudará a constituir hipóteses, conforme indica Gil (2008).

Na escola onde a pesquisa foi feita, foi possível já em uma primeira conversa com os sujeitos da pesquisa, identificar os motivos que favorecem a violência escolar: o alto índice de criminalidade no bairro onde fica a escola foi apontado como o fator que desencadeia uma série de outros problemas, como o tráfico de drogas que cerca a instituição, e as famílias que são corrompidas, ou pelo vício, ou pelos crimes impostos pelo tráfico.

Atualmente, embora as ocorrências graves tenham reduzido, segundo a diretora, Adriana Soares Silveira, o ano de 2015 deixou uma interrogação em todos os professores da escola: “ *desde 2015 até hoje, a gente senta e pensa: o que levou a acontecer tudo aquilo naquele ano? E o que leva a seguir acontecendo, não de forma tão intensa, mas os vandalismos continuam*” (ENTREVISTA, Diretora, 2017).

Portanto, a seguir, o capítulo 2, que tem como título “Violência: dos primórdios aos dias de hoje”, vai trazer explicações de alguns teóricos sobre as causas deste fenômeno que sempre se fez presente na vida humana, elencar os tipos mais comuns de violência, além de contextualizar o fenômeno “violência” na sociedade e na escola.

O capítulo seguinte, denominado “Televisão e Educação”, traz um breve resumo da história da televisão no Brasil e ainda propõe uma reflexão sobre quando devemos considerar o veículo como um aliado ou como um vilão.

Já o capítulo 4, “Um fenômeno encoberto pela mídia”, trata de expor o fato de que os motivos geradores da violência (questões sociais, criminalidade, desestrutura familiar, etc.) na escola onde esta pesquisa foi realizada, não são mostrados nas coberturas jornalísticas.

No capítulo 5, intitulado “A escola como espaço social e de direito”, pretende mostrar este grande desafio, já que hoje a escola é também um local onde há

diversidade e na qual diferentes grupos, identidades e culturas manifestam-se buscando reconhecimento.

A seguir, no capítulo 6, explicarei a metodologia aplicada e as etapas desenvolvidas para a realização deste estudo.

As análises e discussões que resultaram desta pesquisa estão no capítulo 7, onde se concentra o objetivo principal deste estudo, pois evidencia motivos para a violência registrada na escola, o comportamento dos alunos e dos professores diante da situação, além da percepção da comunidade escolar sobre a imagem da escola na mídia televisiva.

Por fim, foi trazida na última parte deste estudo, as considerações finais, onde teço comentários, reflexões e percepções sobre as causas mais frequentes da violência escolar na E.M.E.F. Maria de Lourdes Machado Molina, sobre a atuação da direção e professores diante do problema e sobre a falta de aprofundamento das reportagens sobre os casos registrados na escola.

Assim, esta pesquisa se propõe, sobretudo, a provocar novos diálogos e inquietações, tanto no que diz respeito a atuação da escola diante da violência, como em relação a visão que a mídia local ajuda a construir sobre o problema.

2 VIOLÊNCIA: DOS PRIMÓRDIOS AOS DIAS ATUAIS

No dicionário, violência é qualquer atitude ou ação que cause algum prejuízo físico ou moral a uma pessoa ou ser vivo. Violência também pode ser entendida como o ato que agride ou pretende agredir. Violência, quando uma atitude intencional, é sempre um tipo de ataque (Aurélio, 1975).

Contextualizar historicamente a violência nos faria voltar ao início da vida humana na terra. Desde os primórdios da humanidade o homem exerceu e foi alvo de violência. Basta folhear a Bíblia para ver retratados os mais diversos tipos de crueldade: Jesus crucificado, a Santa Inquisição, homens que lutavam até a morte nos coliseus enquanto os nobres da plateia iam ao delírio, entre tantos outros episódios de barbárie que constituem a humanidade. Isso sem falar nas incontáveis guerras que mancham nossa história.

Vários autores têm tentado explicar as causas deste fenômeno. Freud (1987) defende que o homem tem por natureza uma predisposição inata para a violência, nasce e cresce num ambiente violento, porque também a sociedade é violenta. Isso reforça o entendimento de que, historicamente, o comportamento violento é algo inerente ao ser humano. Ao contrário dos animais, que manifestam seus instintos violentos somente quando são ameaçados, o homem agride e destrói seres da mesma espécie e usa da violência para resolver conflitos pessoais, deixando de usar uma das ferramentas que o diferencia dos outros animais: o diálogo. Sem querer retroceder a uma análise histórica minuciosa do fenômeno, é preciso reconhecer que a violência está enraizada na história do homem e continua um fenômeno atual, sendo nos dias de hoje um traço marcante da contemporaneidade, estando presente nas mais diversas formas e nos mais diversos lugares. Seria utopia dizer hoje que alguém em algum local está livre da violência. O Brasil, por exemplo, atingiu a marca recorde de 59.627 mil homicídios em 2014, de acordo com o Mapa da Violência 2016². Uma alta de 21,9% em comparação aos 48.909 óbitos por homicídios registrados em 2003. A média de 29,1 para cada grupo de 100 mil habitantes também é a maior já registrada na história do país, e representa uma alta de 10% em comparação à média de 26,5 registrada em 2004. A pesquisa também mostra que o nível de escolaridade é um

² O Mapa da Violência 2016 é um estudo desenvolvido pelo Instituto de Pesquisa Econômica aplicada (IPEA) e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FPSP) e pode ser acessado em: www.mapadaviolencia.org.br

fator determinante para se identificar os grupos mais suscetíveis às mortes por homicídio. Segundo o Mapa da Violência, um jovem de 21 anos, idade de pico das mortes por homicídios, e com menos de sete anos de estudo tem 16,9 vezes mais chances de ter uma morte violenta do aquele que chega ao ensino superior.

Nesse sentido, a busca deste estudo é tentar compreender a violência e suas manifestações dentro do ambiente que prima em ofertar um futuro melhor aos pequenos e aos jovens cidadãos: a escola, trazendo a perspectiva dos sujeitos da pesquisa sobre a realidade que os cerca.

2.1 Tipos de Violência

No mundo existem várias formas de violência, por exemplo: o preconceito, as agressões físicas e verbais, o bullying, a homofobia e a violência contra a mulher, entre outras. De acordo com o Portal Vivendo a Adolescência, site criado pela Reprolatina, uma organização não governamental, sem fins lucrativos, que busca contribuir para a melhoria da saúde sexual das populações menos favorecidas da América Latina, as mais comuns são:

- **Violência física**- ação ou omissão que coloque em risco ou cause danos à integridade física de uma pessoa.
- **Violência institucional**- tipo de violência motivada por desigualdades (de gênero, étnico-raciais, econômicas etc.). Predominantes em diferentes sociedades. Essas desigualdades se formalizam e institucionalizam nas diferentes organizações privadas e aparelhos estatais, como também nos diferentes grupos que constituem essas sociedades. O vandalismo é uma das formas de manifestação deste tipo de violência.
- **Violência intrafamiliar**- acontece dentro de casa ou unidade doméstica e geralmente é praticada por um membro da família que viva com a vítima. Incluem: abuso físico, sexual e psicológico, a negligência e o abandono.
- **Violência moral**- ação destinada a caluniar, difamar ou injuriar a honra ou a reputação de alguém.
- **Violência patrimonial**- ato de violência que implique dano, perda, subtração, destruição ou retenção de objetos, documentos pessoais, bens e valores.

- **Violência psicológica**- ação ou omissão destinada a degradar ou controlar as ações, comportamentos, crenças e decisões de outra pessoa por meio de intimidação, manipulação, ameaça direta ou indireta, humilhação, isolamento ou qualquer outra conduta que implique prejuízo à saúde psicológica, à autodeterminação ou ao desenvolvimento pessoal.
- **Violência sexual**- ação que obriga uma pessoa a manter contato sexual, físico ou verbal, ou a participar de outras relações sexuais com uso da força, intimidação, coerção, chantagem, suborno, manipulação, ameaça ou qualquer outro mecanismo que anule ou limite a vontade pessoal. Considera-se como violência sexual também o fato de o agressor obrigar a vítima a realizar alguns desses atos com terceiros.

Como acontece com a sociedade, a escola não está imune à violência social e acaba sendo um espelho dessa realidade. Dentro das instituições escolares a violência se traduz em diversas ações que vão desde a agressão física, o furto, o roubo (em geral contra o patrimônio da própria escola), o porte de armas, o tráfico de drogas, até ofensas verbais, aparentemente menos graves, mas que revelam atitudes discriminatórias, cujas consequências são dificilmente mensuradas ou percebidas. Este último caso, bastante frequente nas escolas, é conhecido como bullying (Mangini, 2008), termo em inglês que engloba todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra um ou mais alunos.

Como podemos perceber, o fenômeno da violência é suficientemente complexo para análises superficiais que por vezes são feitas dele. Ele envolve questões sociais, econômicas e políticas. Todo ato de violência tem uma dimensão social. Alguns provocam o repúdio e a reação de determinados setores da sociedade e acabam dando origem, em certas situações, a reações igualmente violentas. É o caso dos confrontos de grupos ou movimentos sociais com a repressão policial, ou dos conflitos religiosos, entre outros. Nestes casos, fala-se com toda propriedade de “violência social”, algo que efetivamente põe em questão a ordem social. A violência social está em toda parte, atinge todos os ambientes e grupos sociais, sem distinção. Uma população que vive nas ruas sem nenhum tipo de assistência, hospitais públicos sucateados, desemprego, crise econômica e política, são alguns dos fatores que desencadeiam os problemas sociais que acabam por gerar

vários tipos de violência. Os números da violência e os tipos mais comuns dela registrados podem dizer muito de um lugar. Segundo Gullo:

A violência, considerada como um fenômeno social, é analisada como um filtro que permite esclarecer certos aspectos do mundo social porque denota as características do grupo social e revela o seu significado no contexto das relações sociais (Gullo, 1998, p.105).

2.2 Violência e Sociedade

A violência e as violações dos direitos humanos no Brasil, estão em evidência na sociedade brasileira e praticamente dominam as manchetes dos veículos de comunicação. Nas grandes cidades, os números da violência assustam e também provocam mudanças no comportamento dos indivíduos. Há que não saia de casa à noite, que não ande mais sozinho, etc. Uma realidade que comprova que a sociedade brasileira é extremamente violenta. Violência que apresenta-se sob diferentes formas de manifestações: a violência urbana, a policial, a familiar e a escolar, entre outras.

Claro que não estou afirmando aqui que este seja um problema exclusivo da sociedade brasileira. Porém, para este estudo, o foco está no crescimento deste fenômeno em vários segmentos da sociedade. Paralelo ao crescimento da violência, está o descrédito na justiça. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2009, feita em cooperação com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostra que metade da população pesquisada que declarou ter-se envolvido em algum conflito, afirmou não ter ido à justiça e, mais de 50% dentre essas pessoas, afirmaram fazer justiça "por conta própria", o que de certa forma, retrata a realidade dos valores que vem sendo sustentados em grande parte dos lares brasileiros. A lei do "olho por olho, dente por dente", parece estar chegando a lugares onde esta postura é inadmissível, como a escola, por exemplo. Guareschi, ao tratar do aparelho ideológico da família, traz a indagação de qual é o verdadeiro papel que a família executa e afirma que o meio onde ela está inserida influencia, direta ou indiretamente, em sua estrutura, o que não tira dela o papel fundamental de iniciar a construção de um bom cidadão:

Ela pode se tornar um agente transformador na medida em que conseguir estabelecer e criar novas relações, igualitárias e dialogais, entre seus membros; A família é, na verdade, o momento essencial e primeiro na estruturação da personalidade das pessoas (1999, p.111).

O porquê de a sociedade estar gerando indivíduos cada vez mais violentos e sem preocupação com o bem comum, parece ter resposta nas determinações sociais e econômicas, que são fatores que desencadeiam a desestruturação das famílias e, por consequência, geram a violência.

O sentimento de impotência, diante de um problema tão complexo e que cresce à medida que a necessidade do consumismo também se agiganta, é quase que inevitável. Como diz Fromm (1986, p.20): “as mais belas, assim como as mais feias inclinações do homem, não são parte de uma natureza humana fixa e recebida biologicamente, mas provêm do processo social que forma o homem”.

Contudo, a generalização do descontentamento social, proveniente deste mal-estar ontológico do capitalismo, vai levar determinadas pessoas a questionarem esse modo de vida. Conforme afirma Fromm (1986), as pessoas não são, como acreditam alguns ideólogos, uma folha em branco em que se determina o seu conteúdo. Nesse sentido, o ser humano do capitalismo, a partir da concepção do autor, de um lado vai ser aquele que conforma com a vida tal qual está posta a existir – consequência da sua posição de classe, que lhe possibilita o atendimento de suas necessidades básicas, a exemplo dos indivíduos que compõe a classe dominante – e, de outro será aquele que resiste ao capitalismo, a exemplo das classes oprimidas, pelo não atendimento às suas necessidades básicas.

A esperança de resolver a questão da violência quase some, já que tantos outros problemas na área da educação, tão urgentes e preocupantes quanto este, também parecem estar longe de serem solucionados. Daniel Cara (2017), coordenador-geral da Campanha Nacional pelo Direito à Educação, em recente entrevista concedida ao Jornal Extraclasse³, afirmou que a educação no Brasil anda de marcha ré. Para ele, faltam políticas educacionais do governo, que deem conta de atender as diversidades e os interesses dos estudantes. Especificamente em relação à reforma do ensino médio, sancionada em 6 de fevereiro de 2017, ele identifica um alinhamento com interesses e privatização dos recursos da Educação e formação de mão de obra de baixo custo, desmonte das leis educacionais, desconstrução da educação infantil, imposição da agenda de reforma empresarial e descumprimento do Plano Nacional de Educação (PNE). “É uma antirreforma”, avalia Cara. Tudo isso

³ O Jornal Extraclasse é uma publicação do Sinpro/RS que desde 1996 é distribuído à imprensa. Pode ser acessado em www.jornalextraclasse.org.br.

somado à ideologia que sustenta o Escola Sem Partido e que contaminou as diretrizes educacionais do governo: “são tentativas de sufocar os professores”.

A educação é um setor estratégico para a sociedade, pois é o único caminho pedagógico para o desenvolvimento humano, econômico, social, ambiental e cultural. Uma reforma que dividirá os alunos em duas trajetórias: a de profissionalização, para os mais pobres, e a de especialização, para os mais ricos, só trará, para as classes mais pobres, ainda mais descrédito em relação ao que a escola pode representar para o futuro. Sem perspectivas de que a instituição de ensino possa mudar para melhor as realidades tristes de bairros como o da escola que serviu de objeto de estudo para esta pesquisa, ficará ainda mais difícil despertar nos estudantes sentimentos de respeito, de preservação e de cuidado com a escola. Depredar, violar, destruir, passam a ser ações que demonstram o quanto aquele lugar representa pouco para eles.

2.3 Violência e Escola

A violência surge em contextos e situações bem conhecidos. Numa sociedade consumista e competitiva, que valoriza a aquisição de bens, grande parte da marginalidade tem raiz na falta de inserção de quem tem menos, de quem consome menos, de quem não consegue as mesmas oportunidades que os que têm mais poder aquisitivo conseguem. A desigualdade social é um dos fatores que leva uma criança ou um jovem a cometer atos violentos. Rousseau (2002) já no século XVIII afirmava que os homens não nascem naturalmente maus, é a sociedade que os transforma.

Na escola a violência vira um pesadelo e desafia professores e funcionários a intervir de forma a reduzir as ocorrências. A escola emerge como um dos palcos da violência, transformando-se numa das atuais preocupações do sistema educativo⁴, na medida em que o local, que na sua essência deveria ser visto como um espaço de aprendizagens de normas, valores e respeito pelo outro, passou também a ser visto como um lugar que transmite sentimentos de insegurança e de revolta pelas desigualdades.

⁴O problema da violência em contexto escolar é mundial, como prova a realização do 1º Colóquio Mundial sobre Violência Escolar ocorrido em março de 2001, na sede da Unesco (órgão da ONU para educação e cultura), em Paris. Evento que reuniu a participação de investigadores de mais de 26 países.

Criar instrumentos de análise que sirva de suporte à intervenção tanto em nível de prevenção como no nível da atuação parece urgente. Mas há que se levar em conta a realidade de cada escola. A que serviu de base para esta pesquisa, por exemplo, tem em seus arredores grande parte dos fatores geradores da violência: um bairro pobre, dominado pelo tráfico de drogas e composto, em sua maioria, por famílias desestruturadas⁵. Agir em situações como esta requer mais do professor do que a habilidade de ensinar. A relação professor-aluno, em meio aos conflitos, fica comprometida, gerando uma espécie de guerra não declarada, onde só saem perdedores: os professores, pelo desgaste físico e psíquico a que ficam sujeitos, e os alunos, que comprometem o aprendizado, tão importante para o exercício da cidadania.

Segundo Góes (2002), existem tantas formas de violência quantas são as maneiras de nos relacionarmos socialmente. Contudo, no estudo da violência em meio escolar encontramos vários modelos de análise, conforme definições de Costa e Vale (1998) que ajudam a compreender melhor o fenômeno, tais como: vandalismo, bullying, agressividade, perturbações do comportamento, comportamento de oposição, perturbação da atenção por hiperatividade, comportamento delinquente, déficit de competências ou fatores de desenvolvimento. Os modelos verificados com maior frequência nas escolas municipais de Bagé, de acordo com dados da SMED, são o vandalismo, o bullying, a agressividade e a delinquência, por isso vamos nos debruçar com maior ênfase nos conceitos destes modelos, definidos por Costa e Vale (1998, p.11): **vandalismo** é a “destruição ou degradação gratuita de objetos, sendo considerado ato fútil ou inútil” . O vandalismo é cometido exclusivamente pelo prazer que o ato de destruir proporciona em quem comete, mesmo que isto represente um prejuízo para ele próprio, já que degrada o meio em que ele vive.

O **bullying** significa, geralmente, “implicar com as pessoas”, geralmente alguém mais novo. Há desigualdade de poder. As vítimas estão sempre numa posição indefesa. As autoras salientam que a maioria das estatísticas e pesquisas enfatizam principalmente a tendência de se ver o bullying apenas como físico, subestimando, assim, as diversas manifestações do fenômeno, que pode causar sofrimento ou perturbação emocional (Costa e Vale, 1998, p.14).

⁵ “Família desestruturada” nesta pesquisa refere-se a famílias em situação de vulnerabilidade social.

Já a **agressividade**, as autoras referem como um comportamento que tem em vista magoar alguém. O indivíduo busca obter algo, coagir outra pessoa, demonstrar poder e domínio. Na adolescência, pode ter como função o reforço de sentimentos de domínio ou de ego (Costa e Vale, 1998, p.14).

Por fim, o comportamento **delinquente**, definido por Costa e Vale (1998), não é nada mais, nada menos do que o sujeito que comete atos que violam a lei.

Embora apenas os atos de delinquência estejam inscritos no código penal, em se tratando de violência na escola não podemos discriminar os outros modelos de violência aqui citados, por mais que possam parecer “menores”, não são menos dolorosos. Não há nada de inofensivo em tais atitudes que, pelo que se pode analisar durante esta pesquisa, parecem estar parcialmente incorporadas ao cotidiano da escola. A violência escolar é ampla em termos conceituais, mas pode ser resumida em degradação do cotidiano escolar e pode também ser anunciadora de infrações mais graves.

3 TELEVISÃO E EDUCAÇÃO

“Uma janela para o mundo”. Não é difícil achar quem assim conceitue a televisão. Embora sem aprofundamento, a frase popular resume o amplo leque de possibilidades que a TV nos proporciona: informação, entretenimento, esporte, etc. São tantos os segmentos de programação que ficaria difícil listá-los. As discussões sobre Televisão e Educação existem há anos e não devem se esgotar.

Desde o seu surgimento, a televisão vem influenciando gerações, através de seus conteúdos, conforme Guareschi (1999, P.138, 139):

Além de construir a realidade, associar uma dimensão de valor à notícia comunicada ela (TV) também monta a agenda de discussões, isto é, ela traz os assuntos sobre os quais as pessoas vão falar e refletir. Isso leva a conclusões muito sérias, pois nos damos conta de que a força da mídia não está apenas no que ela apresenta: está também, e muito, no que deixa de apresentar.

Ao abordar a relação entre mídia, mais especificamente a televisão, e a educação, Fisher (2001) defende que a educação atua como um processo de formação de sujeitos da cultura, e que a televisão é um dos campos construtores da cultura contemporânea. Uma interação que a autora denomina como “dispositivo pedagógico da mídia” (Fischer, 2001, p. 7). Entendendo assim, a televisão, apresenta-se não apenas como recurso didático para a prática educativa, mas também como espaço eivado de elementos culturais, presentes, ainda, em muitos outros espaços sociais. Para a autora, portanto, a mídia televisiva é um meio que interage ativamente na constituição do social, da política e da cultura.

[...] queremos tratar da TV como criação, como produção cultural que nos oferece uma série de possibilidades de expressão audiovisual, de comunicação de sentimentos, ideias, indagações, informações; ao mesmo tempo, desejamos fazer desse estudo da TV uma forma de pensar os problemas, as possibilidades e os impasses da educação na contemporaneidade – fortemente marcada por alguns sintomas culturais, relacionados às mudanças tecnológicas nas diferentes práticas de comunicação e de informação de nosso tempo, e modos de aprender e de ensinar, certamente alterados justamente pela existência desse e de outros meios de comunicação e informação (Fischer, 2001, p. 17).

A televisão interage de forma tão intensa no cotidiano, que sua capacidade de difundir conteúdos torna-se um parâmetro do que é público, conforme aquilo que ela registra e apresenta. Nesta dimensão, Fisher (2001) chama atenção para o desafio que o campo da comunicação televisiva representa para a educação, afirmando que em

muitos casos, a televisão chega a substituir a escola como meio de informação e formação e, até mesmo, como referência de comportamento dos indivíduos.

A TV – poderíamos dizer – opera como uma espécie de processador daquilo que ocorre no tecido social, de tal forma que “tudo” deve passar por ela, “tudo” deve ser narrado, mostrado, significado por ela. Não há dúvidas, por exemplo, de que a TV seria um lugar privilegiado de aprendizagens diversas; aprendemos com ela desde formas de olhar e tratar nosso próprio corpo até modos de estabelecer e de compreender diferenças de gênero (isto é, de como “são” ou “devem ser” homens e mulheres), diferenças políticas, econômicas, étnicas, sociais, geracionais. As profundas alterações naquilo que hoje compreendemos como “público” ou “privado” igualmente têm um tipo de visibilidade especial no espaço da televisão, e da mídia de um modo geral (Fischer, 2001, p. 16).

A TV instiga desejos, aproxima culturas, dita regras de conduta. Tudo isso tendo os recursos do som e da imagem como atrativos. A TV atua na área dos valores, ajudando a construir imagens e conceitos. Seu surgimento alterou valores e impôs costumes, formando, mesmo dentro dos desníveis socioeconômicos, uma população totalmente envolvida por suas informações. Por isso dá-se a necessidade de educar para a mídia. Conhecer um pouco da história deste veículo de massa que rapidamente conquistou as famílias brasileiras faz-se necessário para iniciar o entendimento sobre a influência da televisão na indústria cultural brasileira e no comportamento social, que é indiscutível.

3.1 História da Televisão no Brasil

A televisão chega ao Brasil em 1950, por obra de Assis Chateaubriand⁶. Foi inaugurada em 18 de setembro deste mesmo ano, em São Paulo, com a TV Tupi - Canal 3. Para fazer sua ideia decolar, Chateaubriand importou duzentos aparelhos de televisão dos Estados Unidos e os espalhou pelas ruas da cidade de São Paulo para

⁶Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello, mais conhecido como Assis Chateaubriand ou Chatô, foi um jornalista, empresário, mecenas e político destacando-se como um dos homens públicos mais influentes do Brasil nas décadas de 1940 e 1960. Chateaubriand foi um magnata das comunicações no Brasil entre o final dos anos 1930 e início dos anos 1960. Foi também Senador da República entre 1952 e 1957.

que todos tivessem acesso ao mais novo invento que acabara de desembarcar em terras brasileiras.

A televisão transmitiu, desde o início, uma programação diversificada. Mesmo com os poucos recursos da época, o veículo ia se expandindo e fazendo sua conquista meteórica pelo país. Poucos anos depois, ainda na década de 50, o veículo iniciou sua imposição como meio de comunicação.

Uma forte característica do início da televisão foi o seu aspecto radiofônico com imagens. A imensa maioria dos primeiros profissionais da televisão eram aqueles que trabalhavam no rádio. Essa importação dos profissionais do rádio influenciou, inclusive, na programação da televisão, havendo uma adaptação dos programas radiofônicos para serem exibidos visualmente. Jambeiro (2002) traz um resumo da situação da televisão no fim dos anos cinquenta e início dos anos sessenta:

Embora a era da TV no Brasil comece oficialmente em 1950, somente nos anos 60 o novo meio de comunicação vai se consolidar e adquirir os contornos de indústria. Nos anos 50 a televisão era operada como uma extensão do rádio, de quem herdou os padrões de produção, programação e gerência, envolvidos num modelo de uso privado e exploração comercial. Nos anos 60 a televisão começou a procurar seu próprio caminho, a adquirir processos de produção mais adequados às suas características enquanto meio e transformou-se assim no poderoso veículo de transmissão de ideias e de venda de produtos e serviços que é hoje (Jambeiro, 2002, p.53).

O principal meio de comunicação criado no século XX foi a televisão. Tal afirmação é decorrente da amplitude de seu consumo pelas sociedades, possível à totalidade das classes sociais no mundo, e por ser um eficiente meio de divulgação de informações e ideologias. Apesar de sua presença em quase todas as casas atualmente, em sua origem a televisão foi um artigo de luxo, destinado às classes mais abastadas. Por ser uma novidade, existia uma expectativa, as pessoas queriam ver de alguma forma, o brilho das imagens tão esperadas. Mas, era uma “fase elitista”, poucos tinham monitores de recepção, pelo fato da pouca disponibilidade no mercado brasileiro e o alto custo de venda.

[...] repetidas vezes aparece decisões do dia em que foi ao ar, oficialmente, as primeiras transmissões da TV brasileira: homens de paletó e gravata, mulheres bem vestidas, como se fossem a uma festa, coloca-se de pé diante de uma espécie de móvel-caixa, de onde saem imagens esmaecidas e pouco nítidas. Todos estão em silêncio. (Ribeiro; Sacramento; Roxo, 2010, p. 17)

Para estimular a compra dos aparelhos, Chateaubriand criou uma campanha

publicitária em 1951, ano em que começaram a ser produzidos no Brasil os primeiros receptores da marca Invictus. Mas, mesmo com as inserções da publicidade, o retorno não foi o esperado, pois o preço dos monitores continuava alto e a maioria da população não tinha condições financeiras para aquisição. “Custava três vezes mais do que o produto também objeto de desejo da classe média ascendente da época, as radiolas” (Ribeiro; Sacramento; Roxo, 2010, p.20). Contudo, com investimentos voltados ao segmento essa situação, aos poucos, foi se modificando e, em 1952, já existiam em todo país, cerca de onze mil televisores.

O número de emissoras espalhadas pelo país cresceu rapidamente e a nacionalização do processo de fabricação dos aparelhos também se acelerou. Sem precisar importar, o produto ficou mais barato e virou objeto de desejo da maioria das famílias brasileiras, tanto que em 1956, apenas seis anos depois da inauguração da primeira emissora de TV no país, a estimativa era que existiam 260 mil aparelhos no Brasil, atingindo aproximadamente um milhão e meio de telespectadores.

Dentre todos os meios de comunicação, a TV pode ser considerada o mais poderoso instrumento de manipulação de massas. Seus conteúdos não têm fronteiras e invadem 97,1% dos 67 milhões de domicílios brasileiros, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), divulgada em 2014 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Atualmente, a variedade de aparelhos e de emissoras foram aperfeiçoadas com os estudos científicos, proporcionando sinais de alta qualidade e de nitidez de imagens, que percorrem o mundo através de uma vasta rede de satélites posicionados em volta da Terra.

3.2 Televisão: aliada ou vilã?

Com tanta abrangência, impossível não perceber a influência da televisão nos mais diversos segmentos. Um deles é a educação. Como aliada ou como vilã, muitas vezes a televisão gera inúmeros efeitos na escola. Os modelos de condutas, por exemplo, costumam ser copiados por crianças e jovens sejam na roupa, no corte de cabelo ou na atitude. Mas o que mais chama a atenção são as formas negativas desta influência, que geram alguns aspectos como alienação, dominação, inversão de valores, abandono da cultura própria, dentre outros. Para Arbex (2002), a televisão é um veículo pouco criticado pelo telespectador, que o cultua indiscriminadamente. A

televisão não é como um livro nem sequer é como um jornal, cuja leitura pode ser interrompida, refeita, submetida a reflexões. A dinâmica das imagens da televisão solicita respostas imediatas do telespectador.

Talvez por isso as opiniões se consolidem no telespectador de forma rasa, sem aprofundamento, muito influenciada pelo tom da narração, pelo espetáculo das imagens. E assim, conforme cita Arbex (2002), a televisão constrói em nosso imaginário a figura daquele que devemos considerar nosso inimigo. Claro que a televisão não foi criada apenas para massacrar as mentes de seus telespectadores. O veículo oferece muitas possibilidades de extrair ensinamentos. O que parece faltar é o exercício do senso crítico por parte dos receptores. Uma das grandes críticas feitas à televisão é o seu poder de fazer com que seus telespectadores permaneçam inertes, recebendo as mensagens sempre de forma muito passiva. A televisão fala primeiro do "sentimento": "o que você sentiu", não "o que você conheceu". Ou seja, é o emocional despertado pelo conteúdo exibido que dita a reação do receptor, que nem sempre questiona a informação recebida.

Mostrar caminhos de como aproveitar a televisão em favor do aluno pode ser um importante papel a ser desempenhado pela escola. A era da informação é um fato consumado e a cada dia os alunos estão mais familiarizados com as inúmeras possibilidades de acessos às informações. O que pode fazer a diferença é a capacidade de interpretar estas informações. Aí entra o papel da escola e do professor: ajudar a despertar o senso crítico e promover a reflexão sobre os conteúdos assistidos. "Uma escola que não ensina como assistir à televisão é uma escola que não educa". (Ferrés, 1996, p.22).

Para Guareschi, dentre a programação da TV, as notícias são a parte mais importante, pois formam a opinião pública e a ideologia das pessoas, construindo realidades e até mesmo a história:

É preciso ter um cuidado enorme e um espírito crítico muito aguçado para não se deixar envolver e não deixar que as notícias façam a cabeça da gente. Não temos medo de dizer que a preservação da liberdade de uma pessoa está diretamente relacionada à maneira como ela se comporta em relação às notícias que recebe, principalmente dos meios de comunicação, mas também de todo o grupo que a rodeia (1999, p.146).

Do ponto de vista do exercício da cidadania, a televisão e sua inserção na educação deve ser vista como um elemento dinâmico e viável, além de relevante para um ensino-aprendizagem mais interativo e significativo, já que comunicação e

educação são processos que evoluem e se contextualizam, mas também subsistem autonomamente.

Para que a televisão possa ser considerada uma aliada da educação, é preciso refletir sobre como melhorar o nível da produção cultural, o que só seria possível, no meu entendimento, com o uso de dispositivos legais que obrigassem as emissoras a exibir conteúdos educativos ao longo da programação, mas com tempos relevantes e não apenas os cerca de 5 minutos espalhados ao longo da grade de programação diária que as grandes redes exibem hoje.

O Decreto-lei 236/67⁷ prevê que as emissoras transmitam cinco horas semanais de programas educativos, em horários compreendidos entre às 7 e às 17 horas. Norma que até hoje não é cumprida por falta de regulamentação, portanto, as emissoras de rádio e televisão estão desobrigadas de apresentar qualquer programação educativa. O pouco que se vê de conteúdo educativo na televisão tem horário reduzido e está escondido em meio a uma programação totalmente comercial. Um reflexo do nosso modelo de televisão, onde a TV comercial é a norma e a TV educativa é marginal, uma coadjuvante bem menor. Ainda que, do ponto de vista legal, não haja nada de errado nisso, a televisão é um serviço público administrado pelo setor privado, como acontece em outros setores como a saúde, educação e transportes e, como tal, somos nós na sociedade que exigimos como ele deve ser.

É comum vermos reclamações nas mídias sobre serviços de hospitais, escolas, administrações públicas, etc., mas dificilmente veremos reclamações públicas sobre a televisão e seus conteúdos. Talvez a explicação esteja no fato de que quando se reclama do hospital, da escola e das linhas de ônibus, são os próprios meios de comunicação eletrônicos, como a televisão, que repercutem. Assim, como são parte mais do que interessada na questão, não há qualquer motivação para mudar como está e nem denunciar os abusos e a falta de coerência neste tal modelo de negócio.

Entendo que a televisão teria sim grande potencial de apoio à educação, caso fosse respeitado o artigo 221 da Constituição Brasileira⁸, que diz que a produção e a programação das emissoras de rádio e televisão precisam dar preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas.

Parece que a preocupação em fomentar uma boa programação e garantir a função social da televisão não passa de teoria, já que o que se percebe na conjuntura

⁷ Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967 – art. 16.

⁸ Constituição da República Federativa do Brasil, Capítulo V – Da Comunicação Social, 1988.

atual é que a concessão, instituída pelo Estado, tem muito mais o interesse de objetivar o lucro das grandes empresas concessionárias em detrimento ao interesse público e da sociedade.

Parte importante do problema é que quem deveria, então, fiscalizar e punir esses servidores privados do interesse público, poderes Executivo e Legislativo, embora tenham a lei do seu lado – que exige uma televisão mais educativa e menos comercial – são reféns de mais da metade de congressistas que possuem emissoras de radiodifusão e que não querem mudar o que está aí.

Os canais fechados são hoje uma possibilidade de optar por uma programação mais qualificada. O problema é que, por questões de custo, não são acessíveis a maioria da população.

4 VIOLÊNCIA ESCOLAR: UM FENÔMENO ENCOBERTO PELA MÍDIA

Compreender a violência escolar e suas motivações foi o ponto de partida deste estudo. Partindo do princípio colocado por Viana (2002) de que entender a violência exige conhecimento de suas causas, torna-se imprescindível, no campo da educação, fazer o levantamento da situação da escola escolhida para esta análise de forma a identificar os pontos de atenção, podendo assim contribuir com o corpo gestor escolar, em particular, e com a sociedade em geral, na verificação dos problemas relacionados com a violência e na viabilidade de possíveis soluções.

A E.M.E.F. Maria de Lourdes Molina está no topo de uma triste estatística: é o alvo atingido com mais frequência pelos arrombadores e vândalos, somando 2 boletins policiais no primeiro semestre de 2016 e 10 em 2015, ano que entrou para a história da escola como sendo o mais violento nos 23 anos de existência da instituição. Ocorrências que geraram cenas tristes: salas de aula destruídas, vidros quebrados, portas arrombadas e muitas esperanças tiradas de quem não se conforma em conviver com a violência e com o vandalismo. O que mais chama a atenção é que a maioria dos casos são protagonizados pelos próprios alunos.

Todas estas situações relatadas acima são retratadas nos veículos de comunicação e, muitas vezes, despertam a repulsa da sociedade. Mas o que nem sempre aparece é a realidade em que estão inseridas as pessoas que cometam crimes como estes. O que justifica tais atos? Qual o sentimento que existe no estudante que sente necessidade em destruir o próprio patrimônio? O grupo considerado “problemático” está mapeado e é de conhecimento dos professores as reais condições familiares de cada um deles. Mas, além disso, o trabalho preventivo, que é feito basicamente com palestras sobre o tema, conversas em sala de aula e reuniões com os pais, parece ser ineficiente perto da dimensão do problema. Segundo Freire (1999, p39),

O educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de *estar sendo com* as liberdades e não *contra* elas.

A frase chega a soar como utopia dentro da realidade apresentada, mas pode apontar um caminho de entrosamento necessário entre educadores e educandos. O que move o interesse deste “grupo problema”? Será que o currículo da escola atende

as expectativas dele? Por que não ir a fundo na questão “motivação”? Será que um aluno recebendo conhecimento que vá ao encontro dos seus interesses agiria dessa forma? Não desejo aqui tirar a escola da condição de vítima, mas acredito que vale o questionamento proposto por Silva (2005, p.15):

Qual tipo de ser humano desejável para um determinado tipo de sociedade? Será a pessoa racional e ilustrada do ideal humanista de educação? Será a pessoa otimizadora e competitiva dos atuais modelos neoliberais da educação? Será a pessoa ajustada aos ideais de cidadania do moderno estado-nação? Será a pessoa desconfiada e crítica dos arranjos sociais existentes preconizada nas teorias educacionais críticas? A cada um desses “modelos” de ser humano corresponderá um tipo de conhecimento, um tipo de currículo.

Em uma breve análise dos jornais impressos locais (Minuano e Folha do Sul) e as reportagens exibidas pela RBS TV Bagé, no período de setembro a dezembro de 2015, foi possível perceber que nenhuma matéria sobre os casos de violência e vandalismo registrados nas escolas de Bagé tiveram algum aprofundamento sobre as causas do problema. Apenas houve a narração dos fatos, com ênfase na revolta das comunidades onde a situação se repete.

Como o enfoque neste estudo é a análise da cobertura televisiva da RBS TV Bagé, através do programa Jornal do Almoço, sobre os casos de violência escolar em Bagé, vou detalhar mais atentamente adiante sobre os números de reportagens exibidas no ano de 2015 e no primeiro semestre de 2016, além de discutir sobre a postura editorial do veículo diante do assunto.

Para o professor Guareschi (1999, p136), que inicia a discussão sobre O Aparelho Ideológico da Comunicação, “uma coisa passa a existir no momento em que é comunicada, é notícia. Se não é comunicada, para a maioria das pessoas ‘deixa de existir’”.

Como já salientei, existem tantas formas de violência quantas são as maneiras de nos relacionarmos socialmente. Pois agora, acrescento que uma das características da violência está na visibilidade garantida pela mídia. Os meios de comunicação dão conta de produzir uma violência representada, ou seja, que nem sempre corresponde à realidade do problema, como no caso da escola analisada nesta pesquisa, que tem questões muito mais amplas para justificar a geração de violência do que meramente o fato em si.

É como se fosse “previsível” ver notícias de violência vindas de uma escola de um bairro pobre da periferia. Questionar as razões, não parece relevante, já que o fato será aceito sem contestação, pois é “normal” que isto aconteça naquele lugar,

deixando o fenômeno encoberto pela mídia em seu sentido mais amplo. Bourdieu (1997, p. 40,41) trata esta questão como o maior problema da comunicação:

Ora, trate-se de um discurso, de um livro ou de uma mensagem televisual, o problema maior da comunicação é de saber se as condições de recepção são preenchidas, aquele que escuta tem o código para decodificar o que estou dizendo? Quando emitimos uma “ideia feita” é como se isso estivesse dado; o problema está resolvido. A comunicação é instantânea porque, em certo sentido, ela não existe. Ou é apenas aparente. A troca de lugares-comuns é uma comunicação sem outro conteúdo que não o fato mesmo da comunicação. Os “lugares-comuns” que desempenham um papel enorme na conversação cotidiana têm a virtude de que todo o mundo pode admiti-los e admiti-los instantaneamente: por sua banalidade, são comuns ao emissor e ao receptor.

Partindo do que diz Bourdieu (1997) a “ideia feita” no caso das notícias sobre a violência escolar é que o assunto é banal e “normal” em escolas de bairros pobres da periferia. O que fica encoberto pela mídia, ou seja, todo o contexto social em que esta comunidade escolar está inserida, é justamente o que poderia mudar a opinião pública acerca do problema.

5 A ESCOLA COMO ESPAÇO SOCIAL E DE DIREITO

A criança e o adolescente são concebidos como sujeitos de direito, conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990). Como todos os sujeitos de direitos, são reconhecidos como tal na medida em que lhes são assegurados e garantidos direitos fundamentais, como o direito à vida e à saúde; o direito à liberdade, ao respeito e à dignidade, o direito à convivência familiar e comunitária; o direito à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer; o direito à profissionalização e à proteção ao trabalho (Brasil, 1988).

A escola tem um papel fundamental na construção dessa cultura, contribuindo na formação do sujeito de direito, por meio de práticas para o reconhecimento e vivência desses direitos. Mas a escola é também um local onde há diversidade e na qual diferentes grupos, identidades e culturas manifestam-se buscando reconhecimento. Embora a Constituição Federal (Brasil, 1988) assegure que todos são iguais perante a lei, todos os seres humanos são diferentes e se formam a partir de experiências familiares, históricas, sociais, culturais, econômicas e políticas diferentes.

A formação integral da pessoa é direito garantido em lei. Organizada em 96 artigos, a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação a LDB (Brasil, 1996), estabelece os fundamentos e as estruturas, bem como normatiza o sistema educacional brasileiro, desde a primeira etapa da educação básica, que é a educação infantil, garantindo o desenvolvimento da criança nos aspectos físico, psicológico, intelectual e social, de forma a complementar a ação da família e da comunidade. Contudo, a garantia de uma educação pública para todos, prevista em lei, tem se mostrado uma tarefa complexa. A falta de vagas em creches públicas, por exemplo, é um problema enfrentado por muito municípios brasileiros e impossibilita o cumprimento efetivo da lei, deixando a teoria bem longe da prática.

Na escola, como na sociedade, convivem dois extremos: o grupo dominante e as ditas minorias (negros, índios, homossexuais, pobres, etc.). Lidar com toda essa diversidade e garantir a igualdade de tratamento é um desafio para a escola. Transformar a diversidade que se apresenta com cada vez mais frequência pode em ferramenta de aprendizagem pode ser um caminho para uma construção conjunta entre educador e educando, dentro do conceito de educação libertadora, proposto por Freire (1997, p.38):

O que nos parece indiscutível é que, se pretendemos a libertação dos homens não podemos começar por aliená-los ou mantê-los alienados. A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo.

Como na sociedade em que vivemos há pobres e ricos convivendo juntos, as formas de exclusão estão banalizadas. Sendo através da indiferença, do medo ou da desconfiança, os grupos pertencentes a classes mais favorecidas naturalmente isolam os que não estão de acordo com os padrões da dita “normalidade”. Na realidade das escolas, muitas vezes os olhares, que a tudo padronizam, não percebem o clamor dos estudantes chamando por seus direitos, muitas vezes de formas equivocadas, como bem define Gentili (2003, p.33):

A naturalização do infortúnio vivido por muitos, nunca é produto de causas naturais. Trata-se de uma construção histórica, ideológica, discursiva, moral. Uma construção que tende a se superpor ao olhar cotidiano, tornando os acontecimentos passíveis de uma invisibilidade artificial, ainda que não por isso menos poderosa.

A escola que pretende ser um espaço de convivência da diversidade, deve ajudar a tornar visíveis as exclusões, enaltecendo a conduta de respeito à diversidade, e ser o local que respeite os direitos de todos os estudantes. Um desafio e tanto, já que em uma sociedade rodeada pelo preconceito viver em harmonia com tantos grupos distintos nem sempre parece possível.

6 ENTRANDO EM AÇÃO: PROCESSOS METODOLÓGICOS

A origem desse trabalho teve como objetivo fundamental analisar as reportagens veiculadas na mídia sobre casos de violência em escola em Bagé, a partir da percepção desta pesquisadora de que as matérias lidas ou vistas são apresentadas sem profundidade, ou seja, não dão conta de mostrar para a sociedade que a violência escolar em escolas da periferia de Bagé tem fatos geradores muito mais graves do que o ato violento em si. Por isto deu-se a necessidade de investigar a violência escolar na escola mais atingida pelo fenômeno em 2015, de acordo com dados da Secretaria Municipal de Educação de Bagé, refletir sobre a representação deste fenômeno pela mídia televisiva, e perceber como esta comunidade escolar se vê retratada pela televisão.

Mas para isto, foi necessário entender melhor o contexto escolar e social da instituição escolhida para este estudo.

O ponto de partida para esta pesquisa foi a inquietação provocada pela entrevista concedida pela então titular da Secretaria Municipal de Educação de Bagé, em março de 2016, ao programa *Jornal do Almoço*, da RBS TV Bagé, quando ela contou sobre a triste realidade provocada pela violência em algumas escolas da periferia de Bagé, com destaque para os casos registrados na E.M.E.F. Maria de Lourdes Machado Molina.

Depois da qualificação deste projeto, ocorrida em novembro de 2016, onde entendi que a pesquisa exploratória seria a mais adequada para realizar este estudo, já que proporciona maior familiaridade com o problema e ajuda a constituir hipóteses, conforme indica Gil (2008), o primeiro passo foi conhecer de perto a realidade da escola que, no ano anterior, registrou 10 boletins de ocorrência por arrombamentos e vandalismos.

O primeiro contato com a direção foi feito ainda em dezembro de 2016, quando nos foi dada a permissão para realizar este estudo na instituição. A E.M.E.F. Maria de Lourdes Machado Molina. A escola fica no bairro Morgado Rosa, na zona leste de Bagé, local onde vivem cerca de 3 mil pessoas. Muitas das famílias estão em situação de vulnerabilidade social e de vulnerabilidade à violência, de acordo com a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico de Bagé⁹. A escola tem 23 anos de

⁹ Informações fornecidas pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico de Bagé em agosto de 2016.

existência. Foi fundada em 18 de abril de 1994. São 32 professores e 10 funcionários. Atualmente, 412 alunos estão matriculados.

Um dos instrumentos desta pesquisa foi o questionário, que continha perguntas abertas e fechadas. A aplicação foi feita em dezembro de 2016, aos alunos do 9º ano, com o objetivo de entender melhor a formação familiar dos estudantes da escola, o que eles pensam da violência em seu ambiente de estudo, o que já presenciaram de atos violentos e como percebem que a escola é representada pela mídia televisiva.

Como bem cita Arbex (2002), os meios de comunicação de massa constroem em nosso imaginário a figura daquele a quem devemos considerar o nosso inimigo. O poder da mídia é inimaginável. Por isso fez-se necessário entender como os alunos da escola escolhida para este estudo se veem representados nela. Com o propósito de compreender as causas mais frequentes da violência na E.M.E.F. Maria de Lourdes Machado Molina e como esta comunidade escolar se vê retratada na mídia televisiva, optou-se pela abordagem qualitativa de pesquisa, visto que, como define Lakatos (2009), a mesma apresenta como característica o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental de modo que a pesquisa é direcionada, ao longo do seu desenvolvimento, buscando não enumerar e nem medir eventos, mas sim, a obtenção de dados descritivos mediante o contato direto da pesquisadora com o objeto de estudo.

De posse destas informações, foi possível realizar um levantamento de quantas reportagens foram exibidas pela RBS TV Bagé, através do programa Jornal do Almoço, durante o ano de 2015 e o primeiro semestre de 2016, que abordaram o tema “violência escolar”, e se as matérias deram conta de mostrar algo além do fato consumado. Este trabalho de apuração e análise foi realizado em março de 2017.

Depois das férias escolares, uma nova visita foi feita a escola, no dia 4 de abril de 2017. Desta vez para entrevistar a diretora e a orientadora educacional. As entrevistas, outro importante instrumento utilizado neste estudo, foram gravadas em vídeo, com o consentimento delas, e ajudaram a entender muitas das motivações para a violência registrada no local. Elas foram realizadas de forma semiestruturada, mediadas pelo diálogo, buscando obter das entrevistadas respostas que possibilitassem o entendimento da realidade vivida na escola, além dos sentimentos gerados em cada uma delas a cada novo fato de violência vivenciado. As gravações das entrevistas somam quase duas horas. As entrevistas, para este estudo, foram

fundamentais, pois segundo Gil (2008), elas favorecem a obtenção de dados em profundidade acerca do comportamento humano.

Aos instrumentos acima citados, questionário, análise das reportagens e entrevistas, somaram-se os dados estatísticos da violência na rede municipal de educação de Bagé, que foram solicitados à SMED, que disponibilizou os números registrados no período definido para este estudo.

Os dados extraídos dos questionários, que foram respondidos por 26 alunos do 9º ano do ensino fundamental, com idades entre 13 e 18 anos, foram organizados a partir do que havia em comum entre eles, buscando formar o perfil familiar dos alunos da E.M.E.F Maria de Lourdes Machado Molina e entender o que pensam acerca da violência escolar.

As informações concedidas nas entrevistas ajudaram a dimensionar o problema, as causas dele, as dificuldades da escola no tratamento da questão “violência” e, principalmente, os sentimentos que esta violência cotidiana gera nos professores e funcionários.

Assim, a análise e interpretação dos dados, contemplaram as seguintes dimensões: entendimento do contexto escolar e familiar dos alunos da E.M.E.F. Maria de Lourdes Machado Molina, percepção, atitudes e sentimentos da gestão escolar em relação ao problema e opinião da escola, através das respostas dos sujeitos desta pesquisa, sobre a forma como a escola é representada na mídia local. A metodologia de análise de dados utilizada foi a análise de conteúdo. Para Bardin (2009), a análise de conteúdo, enquanto método, torna-se um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. Para uma aplicabilidade coerente do método, a análise de conteúdo deve ter como ponto de partida uma organização. As diferentes fases da análise de conteúdo organizam-se em torno de três etapas, conforme Bardin (2009, p.121): 1. A pré-análise; 2. A exploração do material; e, por fim, 3. O tratamento dos resultados, a interpretação. Para facilitar o entendimento dos resultados deste estudo, criei 4 categorias de análises, que são elas: **Violência nas escolas municipais de Bagé: discutindo a partir de uma análise jornalística; Violência na escola: buscando pistas para compreender suas causas; A escola representada pela televisão: a repercussão das notícias; e Violência sentida na pele.**

Nesta perspectiva busquei, através deste estudo, conhecer de forma aprofundada, não só a realidade da escola aqui investigada, mas a realidade que a

cerca, com o intuito de contribuir para apontar caminhos que ajudem a escola a achar soluções e que provoquem uma discussão em relação ao papel da mídia nesta questão, já que as pesquisas podem ser um instrumento importante no aperfeiçoamento das políticas e na forma de construir métodos eficazes de educar para um futuro melhor.

Este trabalho será submetido a uma banca de avaliação e qualificação. Após esta etapa, a intenção é socializá-lo em eventos científicos e continuar os estudos nesta área.

7 RESULTADO, ANÁLISE E DISCUSSÃO

Neste capítulo, trarei os resultados obtidos através dos instrumentos utilizados nesta pesquisa, conforme citado anteriormente, além da análise dos mesmos e a discussão destes resultados, sob a luz dos aportes teóricos que possibilitam entendimentos e contribuições pertinentes para as questões as quais este estudo busca apontar caminhos para as respostas.

7.1 Violência nas escolas municipais de Bagé: discutindo a partir de uma análise jornalística

O ano de 2015 foi considerado pela atual direção, como o mais problemático na história da E.M.E.F. Maria de Lourdes. Os casos de arrombamentos e vandalismos fugiram do controle. Foram 10 registros policiais naquele ano. Mas, de acordo com a diretora, somente os casos mais graves foram registrados. As ocorrências menores, como as de vidros quebrados, paredes pichadas, destruição de materiais de uso coletivo e agressões verbais, acabaram sendo consideradas “menores” e não foram contabilizadas. Esta crescente violência fez a escola figurar com frequência na mídia em 2015.

Embora a E.M.E.F. Maria de Lourdes Machado Molina tenha somado o maior número de ocorrências em 2015, a julgar pelo volume de reportagens locais que abordaram o problema da violência escolar na rede municipal de Bagé neste ano, é possível notar que outras escolas também viveram de perto o problema, conforme o quadro abaixo:

Quadro 1: Reportagens exibidas no ano de 2015.

Reportagens que tiveram como pauta “Violência Escolar” exibidas no Programa Jornal do Almoço da RBS TV Bagé – 2015												
Meses	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Nº de reportagens	1	1	1	1	1			1	5	2	1	2

Fonte: A autora, 2017.

. Das 15 reportagens sobre violência escolar na rede municipal de ensino de Bagé exibidas em 2015 no programa Jornal do Almoço, da RBS TV Bagé, 9 citaram a

E.M.E.F. Maria de Lourdes Machado Molina. Duas reportagens mostraram manifestações de estudantes da rede municipal pedindo pela paz nas escolas. Uma matéria registrou o pedido feito pela SMED à Câmara de Vereadores de Bagé para ajudar na questão da violência escolar. As outras 3, mostraram casos de arrombamentos e vandalismo na segunda escola mais atingida pela violência em 2015, a E.M.E.F. Darcy Azambuja, que fica no bairro Passo das Pedras.

No primeiro semestre do ano de 2016 o cenário da violência na escola, de um modo geral na rede municipal de Bagé, parece ter ficado mais tranquilo. Foram contabilizadas apenas 3 reportagens no programa Jornal do Almoço da RBS TV Bagé sobre violência escolar, conforme o quadro abaixo, e apenas uma delas citou a E.M.E.F. Maria de Lourdes Machado Molina.

Quadro 2: Reportagens exibidas no 1º semestre de 2016.

Reportagens que tiveram como pauta “Violência Escolar” exibidas no Programa Jornal do Almoço da RBS TV Bagé – 2016						
Meses	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
Nº de reportagens		1	1	1		

Fonte: A autora, 2017.

Debruçando-nos sobre a E.M.E.F. Maria de Lourdes Machado Molina, alvo desta pesquisa, verificou-se que de janeiro a agosto de 2015, a escola foi citada em notas ou em reportagens, 3 vezes no programa Jornal do Almoço, da RBS TV Bagé, em função de ataques de vândalos. Mas, como vimos no quadro 1, foi no segundo semestre que a visibilidade negativa de escola intensificou-se na mídia. Em setembro de 2015 a reportagem mais impressionante¹⁰ do ano sobre este tema foi ao ar: a E.M.E.F. Maria de Lourdes Machado Molina havia sido arrombada 3 vezes no mesmo fim de semana. Algo difícil de compreender e de acreditar. No dia seguinte, mais uma manchete no mesmo telejornal: 2 menores de idade haviam sido presos em flagrante durante uma tentativa de assalto e confessaram participação nos arrombamentos da escola. Eram ex-alunos do colégio.

Foi inexplicável tudo o que aconteceu naquele ano. Uns diziam que era represália ao nosso mandato, que estava entrando naquele ano, eu na direção. Outros diziam que todas as vezes que trocava a gestão aconteciam

¹⁰A reportagem foi exibida no Jornal do Almoço no dia 14 de setembro de 2015 e pode ser acessada em <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/jornal-do-almoco/videos/t/bage/v/absurdo-escola-da-zona-leste-de-bage-rs-e-assaltada-tres-vezes-num-unico-fim-de-semana/4465681/>

estas coisas, mas nunca daquela forma. Então, até hoje a gente não consegue entender. Pode ter acontecido, talvez, da escola não ter se aproximado tanto da comunidade. Talvez tenha acontecido esta falha. Mas é deles essa coisa de querer estragar, de achar que a escola é coisa do governo e que se eles estragam, o governo arruma (ENTREVISTA, Diretora, 2017).

O desabafo da diretora da escola, que trabalha no local há 12 anos, sendo que há 2 anos e meio na direção, revela duas situações distintas: a falta de habilidade da gestão para lidar com a situação que se apresentou (aumento do índice da violência na escola), e a falta de entendimento dos alunos sobre a quem pertence a escola. Eles não se sentem donos do local e ainda o transformam em alvo para descontar os problemas que trazem, na maioria das vezes, de casa.

Já usamos inúmeros recursos, mas o problema que tem aqui vem de fora da escola. Vem da casa dos alunos. Eles trazem com eles uma carga de problemas e descarregam aqui (ENTREVISTA, Diretora, 2017).

Em relação ao conteúdo das reportagens, motivo da inquietação que gerou o interesse por esta pesquisa, a constatação é que, em momento algum, as matérias abordaram as questões sociais que fazem do bairro onde a escola está localizada, o Morgado Rosa, um local de risco. O bairro, de acordo com os sujeitos da pesquisa, é dominado pelo tráfico de drogas. Só no entorno da E.M.E.F. Maria de Lourdes Machado Molina, funcionam 4 pontos de venda de entorpecentes, segundo a diretora. As casas humildes, as ruas em condições precárias, a falta de saneamento básico, o índice de desemprego e a desestrutura das famílias são problemas que nunca foram relatados nas reportagens contabilizadas neste estudo. Relatar os fatos de violência escolar não fazem da mídia um instrumento de transformação. É necessário, mais do que nunca, expandir a consciência das escolhas que os profissionais da mídia fazem e a reflexão sobre os impactos que as mensagens causam nas comunidades.

O discurso jornalístico tem características que fazem dele uma das maiores fontes de definição de realidade em nossa sociedade. Transformar fatos sociais em fatos jornalísticos envolve toda uma técnica que, como tudo, não é neutra, ou seja, envolve seleções, cortes, etc. Ou seja, o material bruto recebe a intervenção do jornalista.

Aqui não está se discutindo questões éticas da profissão. A intenção é provocar uma discussão sobre o pouco aprofundamento observado nas reportagens que relatam casos de violência escolar em Bagé. Se o jornalismo e a comunicação desempenham um papel essencial para a sociedade, há que se refletir sobre a

atuação dos profissionais em relação a abordagem que dão para este assunto. Se queremos transformar a realidade vivida hoje por muitas escolas em relação a violência, precisamos expô-la, amplamente, sem esconder os problemas que estão fora da escola. Será que gerar no telespectador a sensação de revolta contra quem comete atos de vandalismo e violência ao narrar uma ocorrência na escola é suficiente para mudar a situação? Será que se as reportagens tivessem descrito o cenário real do bairro onde fica a escola e mostrado a situação em que vivem a maioria das famílias do bairro, o sentimento de revolta também seria contra os infratores? Ou seria contra uma sociedade desigual, forçando o telespectador a perceber que, logo ali, num bairro da sua cidade, existe um grave problema que assola uma comunidade inteira?

Segundo Castells (2001), espetáculo e entretenimento se fundem com as notícias. Assim, o sistema midiático acaba dando os contornos do que seria ou não legítimo, e do que deveria ou não ser prioritário: “Tudo o que fica de fora do alcance da mídia assume a condição de marginalidade política” (Castells, 2001, p.368). Neste caso da violência escolar, mais do que citar o caso, o que parece ser prioritário é voltar os olhos da sociedade para a condição do bairro onde o problema é detectado com maior frequência.

Corrobora-se, deste modo, que o papel sociológico dos meios de comunicação tem sua eficácia efetivamente ligada à forma como a informação é repassada. Se o foco da matéria está na violência escolar e na indignação que o fato provocou, o desejo que vai despertar nas pessoas é de ver punidos os criminosos. Mas se o jornalista trazer o foco para a raiz do problema, mostrar sob que realidade os vândalos e agressores vivem, suas faltas de valores e de expectativas, certamente o sentimento despertado será bem diferente e até capaz de provocar cobranças efetivas de um poder público que ignora a situação.

Como bem coloca Giradi Júnior (2005, p.75):

Um dos maiores poderes dos meios de comunicação não consiste em nos dizer propriamente o que pensar, mais em que pensar. Seu poder está na sua capacidade de estabelecer uma agenda a partir de determinados interesses (políticos, ideológicos, econômicos), em situação de concorrência, e a partir de sua própria lógica produtiva - necessidade de trabalhar com o novo e com o extraordinário de maneira a atrair o leitor ou o telespectador.

7.2 Violência na escola: buscando pistas para compreender suas causas

A pergunta que não cala na mente da diretora da escola que foi objeto de estudo nesta pesquisa, certamente será a mesma que muitos docentes desta e de outras escolas que enfrentam o problema da violência, também tentam responder. Por que a violência e o vandalismo se repetem em um espaço que deveria representar a chance de conquistar uma vida mais digna?

Neste contexto, Viana (2002) sugere uma abordagem investigativa do fenômeno como condição necessária à solução. Para tentar achar caminhos que nos levem ao entendimento, os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, da E.M.E.F. Maria de Lourdes Machado Molina, responderam a um questionário, com o intuito de traduzir sentimentos e percepções dos jovens alunos sobre a violência na escola e sobre as reproduções desta violência na mídia local.

Para isso, algumas perguntas foram necessárias para se conhecer um pouco do estilo de vida, das formações familiares e opiniões sobre o tema. Dos 26 alunos da turma, 3 que responderam ao questionário disseram que os pais não têm profissão e estão desempregados. Vinte dos alunos disseram ter mães domésticas, diaristas ou do lar. As profissões mais comuns entre os pais são: pedreiro, montador, entregador e pintor. Apenas 2 não têm irmãos. A maioria tem entre 3 e 5 irmãos. Sobre presenciar violência na escola, 21 afirmaram já ter visto cenas violentas. Um deles inclusive assumiu ter protagonizado uma briga dentro da escola. Os motivos apontados para as brigas são variados: intrigas, desentendimentos por causa de namorados, etc. Muitos citam o vandalismo como a principal violência presenciada: alunos quebrando vidros, sujando paredes, destruindo portas, foram cenas relatadas pela maioria dos que responderam ao questionário. A diretora da escola vai além, e ressalta que ela mesma já presenciou um aluno de 8 anos quebrando um vidro, dentro da escola. Ela repreendeu o estudante e foi agredida verbalmente pela mãe dele, que estava junto, viu o ato de vandalismo acontecer e nada fez para impedir ou corrigir a atitude do filho. *“O que tu tem que ver com isso”, me disse a mãe quando eu repreendi o filho dela: “isso não é teu! O prefeito que compre outro vidro”, cheguei a ficar sem reação* (ENTREVISTA, Diretora, 2017). O não sentir-se dono da instituição pública parece ser o grande problema do vandalismo escolar. O depoimento da diretora deixa claro que a falta de alguns fatores, como afeto, valores, e modelos positivos sociais, assim como o abandono e negligência por parte dos pais, podem contribuir para que crianças e adolescentes se tornem violentos.

O indivíduo, quando ocupa os espaços na sociedade, chega com informações e comportamentos adquiridos, os quais foram internalizados, de acordo com suas vivências. É a partir desse quadro que se deve analisar o fenômeno, sobretudo, no espaço escolar. Dentre as possíveis categorias de análise pode-se recorrer à privação. De acordo com Mangini (2008, p.106):

[...] sérias privações podem diminuir a capacidade de administrar os próprios impulsos, os quais podem manifestar-se livremente, prejudicando as relações sociais ou serem reprimidos por um superego severo. Assim, é possível, no âmbito da escola, encontrar estudantes que banalizam a vida e a ordem, praticando atos de violência e vandalismo.

As crianças que sofrem privações afetivas, crescem sem família, sem parâmetros, sem uma direção e sem a compreensão de princípios éticos e morais. A cada situação de frustração ou de não concordância, a atitude violenta surge como forma de demonstrar a insatisfação. Assim foi no ano de 2015 na Escola Maria de Lourdes Machado Molina. Quando a nova direção assumiu, os atos de violência e vandalismo extrapolaram o limite do tolerável, de acordo com a diretora. Foram 10 boletins de ocorrência registrados na polícia, isto sem contar atos menores, que não foram contabilizados. A diretora não desconsidera que pode sim ter sido uma represália ao novo corpo gestor da escola. Ela também não se furta de culpa:

Pode ter acontecido, talvez, da escola não ter se aproximado da comunidade. Talvez tenha havido esta falha. Mas é deles esta coisa de querer estragar, de achar que a escola é coisa do governo e que se eles estragam, o governo arruma (ENTREVISTA, Diretora, 2017).

Desde 2013, a E.M.E.F. Maria de Lourdes Machado Molina já liderava o triste ranking do registro de ocorrências de violência. Naquele ano, a Prefeitura de Bagé implantou o Registro Online de Violência na Escola (ROVE). As seis escolas municipais consideradas mais violentas participaram do projeto piloto, que dos meses de julho a setembro de 2013, apresentou dados alarmantes:

- no total, foram feitos 42 registros de situações de violência no período;
- a hora do recreio, entradas e saídas foram os horários com mais incidentes;
- 30% das situações envolveram alunos de 5º e 6º anos, a maioria meninos;
- agressões físicas, brigas, agressões verbais, ameaças e bullying e danos ao patrimônio foram os casos mais frequentes;
- 4 dos registros foram por causa de uso de drogas dentro da escola ou suspeita de tráfico;

- 5 situações foram encaminhadas à Polícia Civil;
- a escola que mais apresentou situações de violência foi a E.M.E.F. Maria de Lourdes Machado Molina, com 57% do total (24 registros), seguida da E.M.E.F. Carlos Mário Mércio, com 19% (8 registros), E.M.E.F. Kalil A. Kalil, com 9,5% (4 registros), E.M.E.F. Fued Kalil com 3 situações, E.M.E.F. Peri Coronel com 2 e E.M.E.F. Creusa Brito com 1;
- a E.M.E.F. Maria de Lourdes Machado Molina relatou inúmeras situações de danos ao patrimônio, como arrombamento da sala da rádio da escola, da sala do atendimento educacional especializado, de armários de salas e vidros quebrados.

Esta ferramenta deixou de ser usada no ano seguinte, mas pela qualidade das informações que revela, fica evidente o quanto seria importante a retomada deste serviço para analisar os dados e buscar soluções pontuais para os problemas, seja por meio de elaboração de políticas públicas ou pela atuação da polícia. Só expondo um retrato fiel das situações será possível pensar em ações preventivas. Ações estas que exigiriam das escolas onde a violência está presente, uma adequação curricular para dar conta de mudar atitudes. Vale aqui citar Silva (2005, p.16) que escreveu que “o currículo não pode ser pensado apenas como conhecimento. Ele está envolvido no que somos, no que nos transformamos, constrói nossa realidade”. Fazer da escola um espaço transformador é o grande desafio, já que a diretora admite que tudo o que foi tentado desde o início de sua gestão, pouco representou no que diz respeito a mudança de atitude dos alunos que reincidem na violência e no vandalismo.

No ano de 2015, mais uma vez a E.M.E.F. Maria de Lourdes Machado Molina aparece no topo da lista da violência: 10 boletins de ocorrência foram registrados na Polícia Civil. Mas a diretora salienta que apenas os casos mais graves foram levados à polícia. Ou seja, este número é bem maior.

Em 2016, os números não reduziram, mas a gravidade dos casos sim. A direção da E.M.E.F. Maria de Lourdes Machado Molina registrou apenas duas ocorrências policiais. O que não significa que o vandalismo tenha diminuído. Mas a diretora comemora uma vitória:

Quando completamos 1 ano de gestão, em 2016, pelo menos um problema a gente resolveu: tiramos dos arredores da escola os estranhos que vendiam drogas para os nossos alunos. Foi difícil, mas hoje vocês podem olhar ali fora, não tem ninguém rondando a escola” (ENTREVISTA, Diretora, 2017).

A orientadora educacional da E.M.E.F. Maria de Lourdes Machado Molina, Rúbia Porto, mora no Bairro Morgado Rosa, mesmo bairro da escola, e acredita que

este fato seja um facilitador para lidar com os alunos e com as famílias. Mas ser recebida por eles, não significa que as orientações que são passadas sejam seguidas:

Alunos, por exemplo, com 8 anos, já mostram problemas, transtornos de conduta. A gente faz os encaminhamentos para os atendimentos psicológicos necessários, ou em alguns casos, até psiquiátricos, e aí os pais dizem que vão levar e não levam. E a gente quando começa a pressionar, eles retiram da escola ou eles abandonam. É fácil pra eles dizerem “eu não consigo mais com meu filho de 8 anos”. E aí, quando ele está com 12, já está assaltando, já está fazendo coisas piores que poderiam ter sido evitadas antes (ENTREVISTA, Orientadora Educacional, 2017).

A violência na escola aqui abordada, apesar de não ser gerada por ela, é dentro dela que ganha dimensão e que se intensifica. Portanto, fica claro a necessidade de acesso à profissionais específicos como psicólogos e assistentes sociais, que atuariam na promoção de reuniões e debates que conscientizassem sobre o papel da família, sobre os efeitos das drogas, suas manifestações, e como detectar a sua presença no ambiente familiar.

7.3 A escola representada pela televisão: a repercussão das notícias

Um dos pontos que mais chamou a atenção durante a pesquisa, foi em relação ao impacto que as notícias veiculadas na TV sobre a E.M.E.F. Maria de Lourdes Machado Molina causavam nos alunos e nas famílias. Ver a escola na TV sendo mostrada por algo tão negativo, ao contrário do que se possa imaginar, gerou na comunidade escolar um certo “orgulho”, conforme relata a diretora:

A mídia mostra o fato e a comunidade vê isso como um trunfo, eles acham bom. Mostrou eles, mesmo sendo uma mostra negativa. Até uma funcionária da SMED me disse: “que chique vocês, heim! Na TV” (ENTREVISTA, Diretora, 2017).

Este trecho da entrevista deixou claro que há uma banalização da violência na escola. Ver a instituição ser mostrada por cenas de vandalismo e arrombamentos e sentir com isso algo positivo reforça que práticas de agressão ao outro, de desrespeito, de falta de senso comum e de agressividade são aceitas como normal pela comunidade escolar. Santos (2001, p.117) afirma que:

[...] é necessário desnaturalizarmos a violência, sob pena de, em não o fazendo, acabarmos por banalizá-la a tal ponto que nada mais tocará nossa sensibilidade, tornando-nos cada vez mais duros com o outro, menos solidários e fraternos.

Com visibilidade apenas para fatos negativos, parece que aqui se aplica a máxima “quem não é visto, não é lembrado”. Nesta situação, a mídia, sobretudo a televisão, atua como espaço de ressonância das queixas, das frustrações, de um cotidiano de dificuldades. Tudo isso simbolizado na violência cometida na escola e exibida na grande tela.

A mídia podia mostrar a parte boa, as pessoas que se destacam na comunidade. Uma Garota Verão saiu daqui. Nós temos atletas. Eu acho que falta visualizar a parte boa pra mudar o jeito deles de pensar. Eles próprios acabam se discriminando, não se sentem capazes de seguir um sonho, de fazer um curso superior. Na visão deles, é como se eles tivessem que continuar na mesma rotina diária e ficar neste ciclo: trabalhar com coisas não formais ou ir pro crime (ENTREVISTA, Orientadora Educacional, 2017).

Não ver a escola como a oportunidade de um futuro mais digno. Este é o sentimento percebido pelo corpo gestor da E.M.E.F. Maria de Lourdes Machado Molina. Os pais não se interessam pelo desempenho dos filhos e, por consequência, os filhos não acreditam que aquele espaço possa fazer algo para melhorar a realidade deles. Mudar este sentimento não é tarefa fácil, já que o problema da violência na escola resulta de situações bem mais complexas.

Parece que a gente nada contra a maré. A gente trabalha temas importantes como drogas, violência, bullying, mas ainda assim são ações que não surtem tanto efeito como a gente gostaria. A gente precisaria de um trabalho social intenso, envolvendo todas as áreas, para poder ter algum resultado, porque não é a questão do aluno em si, é a questão da comunidade, da droga, da falta de emprego (ENTREVISTA, Orientadora educacional, (2017).

Diante deste cenário, fica evidente a importância do papel da mídia para reproduzir com fidelidade a situação como um todo. Relatar apenas a violência escolar como fato consumado não passa de um pequeno recorte do problema, que é bem mais amplo. A exibição das reportagens contabilizadas neste estudo ainda trouxe o efeito negativo e indesejado de gerar uma espécie de sentimento de orgulho na comunidade envolvida.

Dos 26 estudantes que responderam ao questionário, todos afirmaram já ter visto a escola na TV. Em relação ao motivo para a escola estar na TV, as respostas que mais apareceram foram: roubo, arrombamento e vandalismo. Sobre o sentimento que a notícia despertou neles, 24 responderam com palavras como: pavor, nojo, medo, preocupação, tristeza, vergonha, raiva, dor e angústia. Apenas 2 alunos responderam que sentiram-se indiferente. Sobre como gostariam de ver a escola na TV, 25 estudantes responderam da seguinte forma: sem violência, com bons projetos, melhor escola do bairro, sem depredação, com gente educada, com policiamento,

escola exemplar, escola segura, notícias boas. Apenas um aluno respondeu que “tanto faz”.

Socialmente, os alunos de uma escola pública de um bairro pobre e de alto índice de criminalidade passam a carregar sentidos bastante negativos e já começam a se aceitar como violentos. É, sem dúvida, um grande desafio para a escola conseguir administrar esta situação, que por vezes, ela mesma acaba reforçando, quando não consegue evitar as situações de violência, nem tampouco inverter a percepção que os alunos têm sobre ver a escola retratada de forma negativa na TV. Conhecer os manejos desses conflitos é um desafio pedagógico que vai além da dimensão ensino-aprendizagem. Lidar com conflitos no espaço escolar deveria compor as competências e habilidades na formação de gestores e professores. É urgente o redimensionamento de uma política de formação de docentes e gestores, e na qualificação de ações sócio pedagógicas do espaço escolar. Todos estes atores, que compõem o universo escolar, deveriam ter uma estrutura propícia para poderem desenvolver estas competências e habilidades.

7.4 Violência sentida na pele

O interior das escolas mais atingidas pela violência em Bagé, revela a realidade em que vivem as comunidades que as cercam. São famílias marcadas pela intolerância, desrespeito, pela ausência de diálogo e, especificamente falando da E.M.E.F Maria de Lourdes Machado Molina, cercadas pelo tráfico de drogas. A diretora diz que é de conhecimento de todos da redondeza que a escola tem em suas proximidades pelo menos 4 bocas de fumo.

Esta é a realidade que eles conhecem. Quando a gente pergunta pra eles o que eles querem ser no futuro, muitos respondem que querem ser traficante, porque dá dinheiro. O mais difícil é tentar mudar esta percepção deles (ENTREVISTA, Diretora, 2017).

Professores, pais e estudantes têm sentido que a escola não consegue transformar o que está posto no cotidiano da vida. Professores adoecem, estudantes sofrem pressões de todos os lados e escapam como podem, respondem com mais violência quando ameaçados, não veem formas de superação, diretores desanimam diante de tantos problemas e os pais, muitos deles, se omitem.

O problema que tem aqui vem de fora da escola. Vem da casa dos alunos. Eles trazem com eles uma carga de problemas e descarregam aqui. Às vezes a gente chega em casa e chora, chora, chora. Daí pensa: não pode ser assim. Vamos mudar isso. Meu marido passa dizendo: “desiste! Tu já tentou e não deu! Faz 12 anos que tu tá lá”. Mas eu não considero uma causa perdida (ENTREVISTA, Diretora, 2017)

Com uma preocupação evidente de todos os agentes educacionais na busca de situações para “vencer” a violência dentro da escola, é preciso que este assunto seja tratado com a prioridade e importância que ele merece. Não são os psicólogos nas escolas que vencem a violência com terapias. Não são os professores que vencem a violência repreendendo ou suspendendo os alunos. Não são os diretores que vencem a violência expulsando os estudantes e cercando a escola de policiais. Vivemos em um país marcado por grandes injustiças sociais. Somos alimentados diariamente com informações que reduzem a complexidade do fenômeno relacionando a violência a indivíduos ou grupos sociais. A violência pode qualificar ações individuais e coletivas, mas emerge a partir de marcos sociais que têm sua origem na negação do direito a uma vida digna, na exploração de uns pelos outros. Por isso, parece preciso que todos os agentes envolvidos no processo educativo busquem um sentido de existência para o currículo e promovam novas formas de relações que revolucionem o que está posto além de políticas públicas eficientes que promovam melhores condições de vida às pessoas. Freire (1987, p.40), ao defender que os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo, propõe exatamente isto.

Assim é que, enquanto a prática bancária, como enfatizamos, implica uma espécie de anestesia, inibindo o poder criador dos educandos, a educação problematizadora, de caráter autenticamente reflexivo, implica um constante ato de desvelamento da realidade. A primeira pretende manter a *imersão*; a segunda, pelo contrário, busca a *emersão* das consciências, de que resulte sua *inserção crítica* na realidade.

Os cuidados com a violência escolar devem ser uma preocupação constante e comum a todos os membros que compõem a estrutura interna de um estabelecimento escolar de ensino, pois, como afirma Blin (2005, p.8), “a prevenção da violência na escola diz respeito a todos nós: crianças, jovens e pais, atores e responsáveis pelo sistema educacional, e também aos representantes dos poderes públicos”. É preciso a promoção dos direitos humanos por meio do cotidiano, como referência para a ação educativa. É preciso resgatar a vida denunciando uma realidade que a destrói.

Tendo o capitalismo como uma das causas da violência em várias esferas, o que nos parece bastante grave é o fato de que as várias formas de violência, produzidas no cotidiano da sociedade parecem não mais indignar a população brasileira. É como se a mesma fosse "aceita" por todos. Quando as notícias de mortes por latrocínio chocam apenas pelo tempo em que as estamos lendo, ouvindo ou vendo, o que esperar em termos de reação da sociedade, quando se fala em vandalismo em escolas? Algo que parece tão menor, se comparado a perda de vidas. Pois não foi difícil perceber este sentimento de "pouco caso" em relação aos vários ataques à escola estudada nesta pesquisa. "*Os casos se repetem. Os pais ficam brabos quando chamamos eles aqui para relatar o vandalismo dos filhos*" (ENTREVISTA, Diretora, 2017), afirma a diretora da escola, que revelou ainda que, dos 412 alunos matriculados, apenas 12 são acompanhados com frequência pelos pais. Dado que revela o verdadeiro descaso das famílias com o comportamento e desempenho dos filhos na escola. Cabe aqui citar Kahn:

Se há numa comunidade um jovem com comportamento agressivo, desviante, mas o padre, o tio, o professor consegue orientá-lo, o capital social daquela comunidade é alto. Quando o comportamento desviante é elogiado, as gangues são o poder, as famílias são desestruturadas, a escola ineficiente, a polícia corrupta ou arbitrária, o padrão é a marginalidade (1998, p.12).

Partindo desta citação de Kahn (1998), percebe-se que no caso dos alunos envolvidos em situações de violência na E.M.E.F. Maria de Lourdes Machado Molina, a falta de exemplos positivos, a falta de críticas por parte das famílias aos comportamentos inadequados no ambiente escolar e a falta de estratégias eficazes na escola para orientá-los acabam por fazer com que eles entendam como comportamento desviante "normal".

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois das conversas com a diretora e com a orientadora educacional, foi possível entender os motivos que geram a violência na E.M.E.F. Maria de Lourdes Machado Molina: alunos oriundos de famílias desestruturadas, que convivem de perto com a pobreza e com a violência e uma escola que ainda se apoia no modelo tradicional, sem contemplar a diversidade que se apresenta parecem resumir o rol dos porquês. Razões evidentes e que não são expostas nas coberturas jornalísticas dos meios de comunicação.

Acredita-se que o grande desafio dos professores desta escola deva ser o de assumir uma postura para o enfrentamento do problema da violência. O primeiro passo parece que já foi dado, quando a direção traçou o perfil familiar de cada aluno envolvido em situações de violência. O próximo seria cobrar dos meios de comunicação que voltem os olhos para a escola. Como bem disse a orientadora educacional: *“deviam mostrar os exemplos bons pra que eles sentissem orgulho do bairro por algo positivo”*. Não basta apenas registrar os fatos tristes de ataques e depredações quando eles acontecem. Isso apenas gera indignação e emoções passageiras, que tantos acham magnífico expor. Há que se trazer à tona a raiz do problema, cobrar ações efetivas de combate as drogas, mostrar as condições precárias do bairro onde estes alunos vivem para cobrar do poder público soluções. Este seria o papel social da mídia: trazer para os olhos da sociedade um problema que fica restrito entre os muros da escola. Os alunos não podem ser “uniformizados” na conduta. Lidar com toda essa diversidade exige mais do que um currículo com uma lista de conteúdo. Como defende Corazza (2009, p.14), “o Currículo e a Pedagogia não podem agir e nem pensar como antes; os professores e alunos não podem educar nem serem educados como até então”.

A questão da falta de disciplina como um todo, exige, portanto, uma nova postura dos educadores, como bem cita Aquino (1998, p.204):

Precisamos tornar o nosso ofício como um campo privilegiado de aprendizagem, de atuação profissional. Sala de aula é laboratório, sempre! Não é o aluno que não se encaixa no que nós oferecemos; somos nós que, de certa forma, não nos adequamos às suas possibilidades. Precisamos, então, reinventar os métodos, precisamos reinventar os conteúdos, em certa medida, precisamos reinventar nossa relação com eles, para que se possa, enfim, preservar o escopo ético do trabalho pedagógico.

Refletir sobre a prática pedagógica deve ser um exercício constante a ser praticado pelos professores, já que desta reflexão poderão surgir explicações e soluções para os problemas que surgem no cotidiano escolar, resultando, também, em benefícios para a relação professor-aluno e para a indisciplina em sala de aula.

A família, que é considerada ausente neste estudo de caso, conforme a direção da escola, deixa uma lacuna difícil de ser preenchida no que diz respeito ao interesse e preocupação com o rendimento escolar e com as atitudes dos filhos. Sem receberem exemplos positivos em casa e nem cobranças para que se desenvolvam, o resultado é a total falta de amor pela escola e a total falta de perspectiva de um futuro melhor.

Nem sei se eles têm sonhos. Não vamos generalizar, nós temos famílias maravilhosas, de pais que se interessam, que participam. Só que nós temos 412 alunos e os pais de 12 deles é que participam da vida escolar. Não adianta querer mascarar, esta é a realidade (ENTREVISTA, Diretora, 2017).

É preciso, portanto, que todos os envolvidos com a questão da indisciplina, repensem o seu papel, conforme Vasconcellos (1997, p.241):

A sala de aula e a escola não estão desvinculadas da problemática do resto da comunidade e da sociedade, porém têm uma autonomia relativa. De imediato, eu não tenho condições de mudar as pessoas e/ou o mundo; entretanto, de imediato, eu posso mudar a maneira de me relacionar com as pessoas e com o mundo! Isto não é tudo, mas é um passo importante e de minha responsabilidade!

Como a própria diretora admite que possam ter ocorrido falhas na relação da escola com a comunidade, pode ter faltado justamente o “relacionamento” que Vasconcellos (1997) cita. Considera-se, portanto que a escola aqui estudada, ainda não está preparada para enfrentar os seguidos episódios de violência e que a mesma não dispõe de ações eficazes. Dessa forma, as ações realizadas na escola para enfrentamento da violência, as quais já descreveremos, são isoladas e pouco efetivas, visto que as mesmas de nada adiantam, segundo depoimento dos sujeitos investigados. A atual gestão encerra seu mandato no fim de 2017 e ainda alimenta o sonho de realizar pelo menos uma das principais metas: “*encontrar os pais do lado dos professores e não os enfrentando*” (ENTREVISTA, Diretora, 2017).

O desafio deste estudo tem justamente esta pretensão: trazer à escola um incentivo para fazer mais do que simplesmente “mapear” os problemas, já que atribuí-los a questões externas, como a desestrutura familiar, o tráfico e a pobreza do bairro, praticamente exime a escola de culpa. Embora a profissão de professor seja repleta de impasses, desvalorização e especificidades, faz-se necessária que esta prática profissional seja embasada também em aspectos afetivos para a construção de uma

nova relação, principalmente em locais como a instituição escolar aqui estudada. A disponibilidade para o diálogo deve ser iniciada no espaço da sala de aula e estar refletida em todas as ações pedagógicas que envolvam os sujeitos da educação, como bem defende Freire (2003, p.135):

Nas minhas relações com os outros, que não fizeram necessariamente as mesmas opções que fiz no nível da política, da ética, da estética, da pedagogia, nem posso partir de que devo “conquistá-los”, não importa a que custo, nem tampouco temo que pretendam “conquistar-me”. É no respeito às diferenças entre mim e eles ou elas, na coerência entre o que faço e o que digo, que me encontro com eles ou com elas. É na *minha disponibilidade* à realidade que construo a minha segurança, indispensável à própria disponibilidade. É impossível viver a disponibilidade à realidade sem segurança, mas é impossível também criar a segurança fora do risco da *disponibilidade*.

A partir dos dados coletados, foi possível identificar que a violência institucional, que é motivada pelas desigualdades e que tem no vandalismo uma das suas formas de manifestação, é a que é registrada com maior frequência na E.M.E.F. Maria de Lourdes Machado Molina.

A percepção dos sujeitos investigados sobre a representação da escola a partir dos casos exibidos na televisão traz para o veículo um compromisso de rever a postura editorial diante deste assunto, já que eles percebem-se retratados apenas como “alunos violentos de uma escola violenta”, quando a situação ao redor deles, geradora de todo o problema na escola não é evidenciada, recaindo apenas sobre eles a culpa por uma situação que nem eles e nem a escola podem resolver sozinhos

Espera-se ainda trazer à mídia uma reflexão sobre a importância do aprofundamento da questão “violência escolar”. Só expondo de forma aberta e abrangente a situação, será possível envolver a sociedade na busca por soluções. Apesar de os meios de comunicação brasileiros geralmente apresentarem a violência de forma sensacionalista e descontextualizada, queremos encontrar (ou, quem sabe, até mesmo ser) as exceções que buscam as raízes do problema e as possíveis soluções. O que não podemos é perder a dimensão da humanização, tanto no contexto escolar quanto na mídia, enquanto espaços socializadores, que devem possibilitar a estudantes e telespectadores constituírem-se humanos críticos e cientes dos desafios da existência.

REFERÊNCIAS

- Agência Brasil: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-04/ibge-embardada-ate-amanha-10h-0604/>. Acesso em 24/11/2016.
- AQUINO, Júlio Groppa. **Diferenças e preconceito na escola**. São Paulo: Summus, 1998.
- AMORIM, Edgart Ribeiro do. **História da TV Brasileira**. São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 2008.
- BARDIN L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BLIN, Jean F. **Classes Difíceis** - Ferramentas para Prevenir e Administrar os Problemas Escolares. Porto Alegre: ArtMed, 2005.
- BOURDIEU, P. **Sobre a Televisão**: seguido de A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BRASIL. **Constituição Federal**, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/principal.htm. Acesso em: 03/12/2016.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**, 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069.htm>. Acesso em 03/12/2016. Acesso em: 03/12/2016.
- CASTELLS, Manuel. 2000. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra.
- CORAZZA, Sandra Mara. **A Educação do Século XXI: desafio da diferença pura**. ARIÛS: revista de ciências humanas e artes. – v. 1, n. 1 (out/dez. 1979) – v. 15, n. 1 (jan/jun. 2009). – Campina Grande: EDUFCEG, 2009.
- COSTA, M., VALE, D. **A violência nas escolas**. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1998.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão & Educação** – fruir e pensar a TV. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª Ed. São Paulo: SP: Editora Paz e Terra, 1987.
- _____. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 27. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- FREUD, Anna. **Infância normal e patológica** (determinantes do desenvolvimento). 4ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987.

FROMM, Erich. **Do Amor à Vida**. Rio de Janeiro, Zahar, 1986.

_____. **O Coração do Homem**. Rio de Janeiro, Zahar, 1965b.

GENTILI, Pablo Alencar. **Educar na esperança em tempos de desencanto**. Petrópolis: Vozes, 2003.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GIRARDI JUNIOR, Liráucio. **Poder simbólico, mídia e cidadania**. Revista *Communicare*. Volume 5, nº 1, 1º semestre. 2005.

GUARESCHI, Pedrinho. **Sociologia Crítica - alternativas de mudança**. EDIPUCRS, 1999.

GULLO, Álvaro de Aquino e Silva. **Violência urbana: um problema social**. *Tempo Social; Rev. Social. USP*, S. Paulo, 1998.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), PNAD - **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios** - Características da vitimização e do acesso à justiça no Brasil em 2009, Rio de Janeiro, 2010.

JAMBEIRO, Othon. **A TV no Brasil do século XX**. Salvador: 2002, EDUFBA.

KAHN, Tulio. **Índice de Criminalidade**. Revista do Ilanud Nº 2, 1998.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2009.

LAZAR, Judith. *Mídia e Aprendizagem*. In: **Mediatamente! Televisão, cultura e educação**. Série de Estudos Educação a Distância, Ministério da Educação, Secretaria da Educação a Distância, Brasília, 1999

MANGINI, Rosana C. R. **Privação afetiva e social: implicações nas escolas**. Sorocaba: Editora Minelli, 2008.

PERRENOUD, Philippe. **Pedagogia diferenciada: das intenções à ação**. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

_____. **A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica**. Porto Alegre. Artmed, 2002.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco. **História da Televisão no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do Contrato Social**. Tradução: Rolando Roque da Silva. Fonte Digital, 2002.

SANTOS, José Vicente Tavares. **A violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatórias**. Revista *Educação e Pesquisa*, volume: 27, no:1. São Paulo, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SODRÉ, Muniz. **Sociedade, Mídia e Violência**. Porto Alegre. Sulina: Edipucrs, 2002.

_____. **Antropologia do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis: Vozes, 2002.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Os desafios da indisciplina em sala de aula e na escola**. Série Ideias, n.28. São Paulo, 1997.

VIANA, Nildo. Escola e violência. In: VIANA, N.; VIEIRA, R. (Org.). **Educação, cultura e sociedade**: abordagens críticas da escola. Goiânia: Edições Germinal, 2002.

Vivendo a Adolescência: <http://www.adolescencia.org.br/site-pt-br/tipos-de-violencias>. Acesso em 30/11/2016.

APÊNDICES

APÊNDICE I – Termo de consentimento livre e esclarecido



APÊNDICE A-TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do projeto: VIOLÊNCIA NA ESCOLA: UMA ANÁLISE SOBRE O OLHAR DA MÍDIA TELEVISIVA SOBRE OS CASOS REGISTRADOS NA E.M.E.F MARIA DE LOUDES MACHADO MOLINA

Pesquisador responsável: Roberta Almeida Mércio
Instituição: Universidade Federal do Pampa – Unipampa
Telefone celular do pesquisador para contato: (53)98122-2231

Ilma. Sra.
Adriana Silveira
Diretora da EMEF Maria de Lourdes Machado Molina – Bagé/RS

Solicitamos permissão para desenvolver em sua escola a pesquisa acima citada, que tem por objetivo mostrar os agentes da violência escolar, os impactos do fenômeno na rotina da escola, as formas com que a instituição trata o problema e como a mídia televisiva transmite os casos de violência registrados na escola. A pesquisa se dará através da coleta de dados (questionário/entrevista/observação), com a direção, professores e estudantes.

Solicitamos ainda a permissão para a divulgação desses resultados e suas respectivas conclusões, em forma de pesquisa, com a meta de ajudar a apontar caminhos para a redução das ocorrências e provocar um olhar mais aprofundado da mídia para o fenômeno.

Por meio deste documento e a qualquer tempo você poderá solicitar esclarecimentos adicionais sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar. Após ser esclarecida sobre as informações a seguir, no caso de concordar com a participação da escola no estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra será arquivada pelo pesquisador responsável.

Os resultados poderão ser divulgados em publicações científicas através de artigos ou apresentações em eventos da área da educação. Os sujeitos da pesquisa estarão cientes dos resultados da investigação e dos estudos feitos durante a investigação.

Adriana Silveira
Diretora da EMEF Maria de Lourdes Machado Molina – Bagé/RS

Pesquisador Responsável: Roberta Almeida Mércio

Bagé, 06 de dezembro de 2016.

APÊNDICE II – Questionário



APÊNDICE B-FORMULÁRIO DE PESQUISA

Este questionário destina-se a recolher opiniões dos estudantes acerca de alguns aspectos da sua vida escolar. É anônimo a informação recolhida através dele é **absolutamente confidencial**. A tua colaboração sincera é fundamental para o estudo e compreensão das relações humanas na escola. **Muito obrigado pela colaboração.**

Questionário

Ano de escolaridade: _____ Turma: _____

A. Começamos por te pedir alguns dados pessoais:

1. Que idade tens? _____

2. A que género pertences? F _____ M _____

3. Qual a profissão do teu pai? _____

4. Qual a profissão da tua mãe? _____

5. Tens irmãos? Sim _____ Não _____

5.1. Quantos irmãos tens? _____

B. Agora queremos saber sobre a violência na escola:

1. Você já presenciou ou foi vítima de algum episódio de violência na sua escola? Se sim, conte pra gente.

2. Você já viu sua escola na TV? Sobre o que era a notícia?

3. O que você sente quando vê sua escola sendo notícia na TV por causa da violência?

4. Como você gostaria que sua escola fosse representada na TV?

Figura 1: Vidros da E.M.E.F Maria de Lourdes Machado Molina quebrados.



Foto: Jornal Minuano, 2015.

Figura 2: Registro do vandalismo em uma sala de aula da E.M.E.F. Maria de Lourdes Machado Molina.



Foto: Jornal Minuano, 2015.

Figura 3: Imagem da destruição de mobiliário e material didático na E.M.E.F. Maria de Lourdes Machado Molina.



Foto: RBS TV Bagé, 2015.

Figura 4: Registro da mobilização dos alunos da E.M.E.F. Maria de Lourdes Machado Molina em protesto silencioso pela paz na escola.



Foto: Jornal Folha do Sul Gaúcho, 2015.